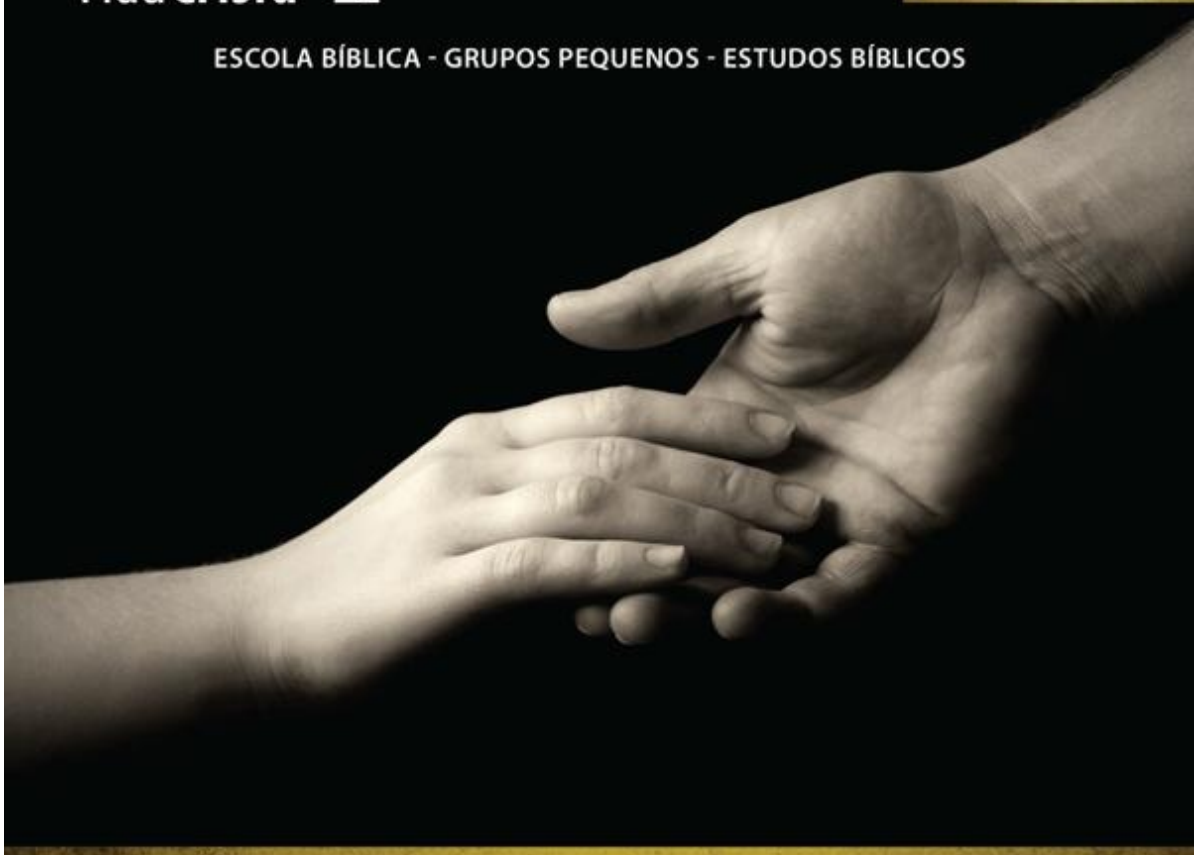
série VidaCristã 1

ADULTOS

ESCOLA BÍBLICA - GRUPOS PEQUENOS - ESTUDOS BÍBLICOS



O COMPORTAMENTO DO CRENTE

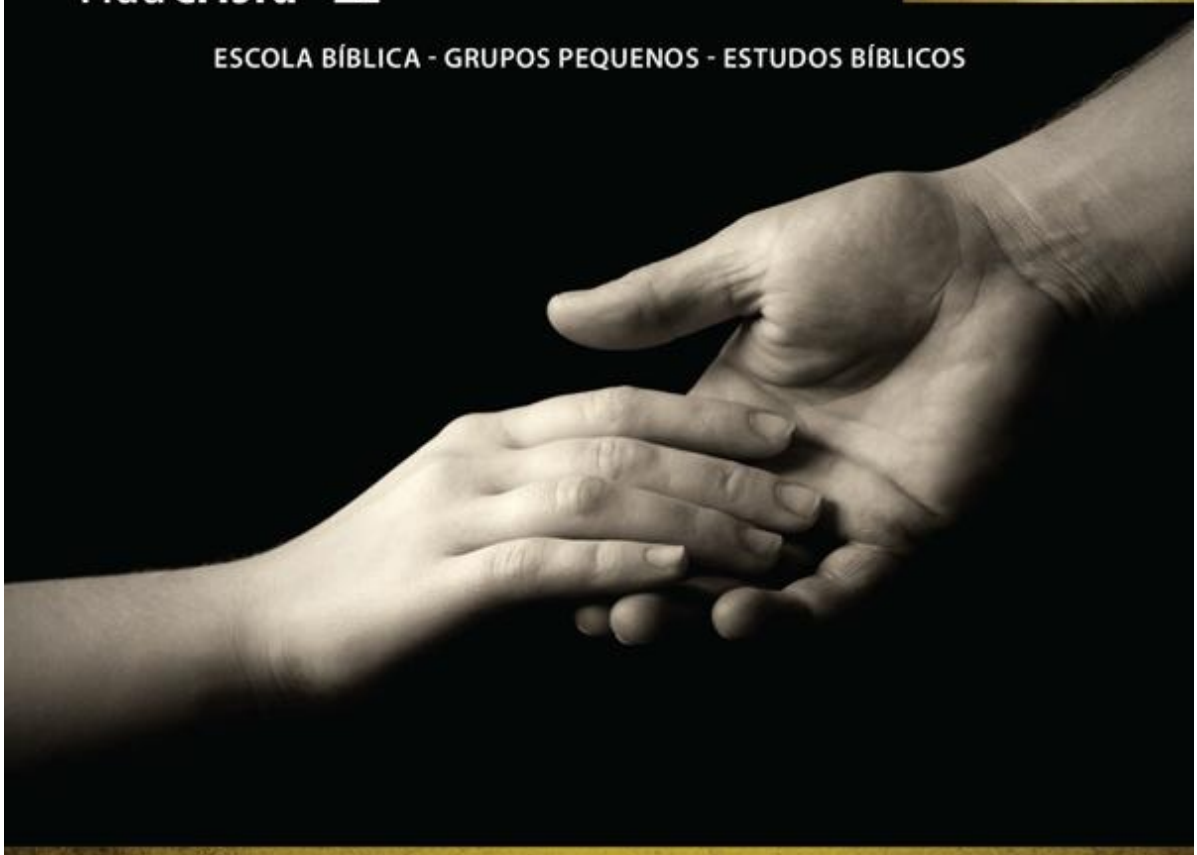
··· princípios bíblicos de ética cristã ···

mais de 300 MIL exemplares vendidos

série VidaCristã 1

ADULTOS

ESCOLA BÍBLICA - GRUPOS PEQUENOS - ESTUDOS BÍBLICOS



O COMPORTAMENTO DO CRENTE

··· princípios bíblicos de ética cristã ···

mais de 300 MIL exemplares vendidos



O COMPORTAMENTO DO CRENTE

··· princípios bíblicos de ética cristã ···

mais de
300 MIL
exemplares
vendidos

Copyright © 2006,

Editora Cristã Evangélica

40ª reimpressão, 2017

Todos os direitos nacionais e internacionais desta edição reservados.

Nenhuma parte desta edição pode ser utilizada ou reproduzida – em qualquer meio ou forma, seja mecânico ou eletrônico, fotocópia, gravação, etc. – nem apropriada ou estocada em sistema de banco de dados, sem a expressa autorização da Editora Cristã Evangélica (lei nº 9.610 de 19/02/1998), salvo em breves citações, com indicação da fonte.

As citações bíblicas foram extraídas da versão Almeida Revista e Atualizada (ARA), 2ª edição (Sociedade Bíblica do Brasil), exceto indicações de outras versões.

Editora filiada à

Associação de Editores Cristãos


editora
CristãEvangélica

Rua Goiânia, 294 – Parque Industrial

12235-625 São José dos Campos-SP

comercial@editoracristaevangelica.com.br

www.editoracristaevangelica.com.br

Telefax: (12) 3202-1700

O Comportamento Docente

Temos diante de nós uma série de lições que, por certo, mexerão com a nossa vida cristã. Costumamos dizer que a Bíblia é a “única regra de fé e prática para o cristão”, mas geralmente ficamos apenas na “única regra de fé”. A “única regra de prática” fica no esquecimento. Os fariseus perguntaram: “Mestre, qual é o grande mandamento na lei? Respondeu Jesus: Amarás o Senhor, teu Deus, de todo o teu coração, de toda a tua alma e de todo o teu entendimento. Esse é o grande e primeiro mandamento. O segundo, semelhante a esse, é: Amarás o teu próximo como a ti mesmo” (Mt 22.36-39). Amar a Deus é a regra de fé; amar o próximo é a regra da prática da vida cristã.

Ética é a ciência dos deveres do homem, isto é, uma ciência que nos ensina como proceder neste mundo. A ética cristã, baseada nas Escrituras Sagradas, nos ensina como andar neste mundo de acordo com a “vocação com que fomos chamados”. A ética cristã trata de fatos concernentes ao procedimento do homem em todas as suas relações. Daí a pertinência desse assunto nas classes de nossas Escolas Bíblicas. Tiago diz: “Se alguém supõe ser religioso, deixando de refrear a língua, antes, enganando o próprio coração, a sua religião é vã. A religião pura e sem mácula, para com o nosso Deus e Pai, é esta: visitar os órfãos e as viúvas nas suas tribulações e a si mesmo guardar-se incontaminado do mundo” (Tg 1.26 e 27).

A missão dada por Deus ao homem para ser cumprida aqui na terra é o assunto especial da ética cristã. Ela trata de todas as coisas que se relacionam com a descoberta e cumprimento de tal missão. Pelo estudo da ética cristã vamos descobrir a nossa razão de ser; a razão de todos os poderes e faculdades da alma humana, e como utilizar esses poderes e faculdades em benefício de uma coletividade. Paulo diz: “Levai as cargas uns dos outros e, assim, cumprireis a lei de Cristo” (Gl 6.2). A missão do homem é, então, o grande assunto da ética cristã.

A Ética Cristã comporta duas grandes divisões:

Ética teórica

trata dos princípios que devem governar a vida e o procedimento do homem. Na ética teórica procura-se a explicação e a compreensão dos princípios evangélicos envolvidos na arte do relacionamento humano.

Ética prática

trata da aplicação dos princípios estudados na ética teórica referentes ao procedimento do homem. A ética prática tem por fim levar o homem ao cumprimento dos seus deveres: “tudo quanto te vier à mão para fazer, faze-o conforme as tuas forças” (Ec 9.10).

Bom estudo!

João Arantes Costa

Sumário

01 Doutrina bíblica e ética cristã

02 Princípios bíblicos de ética cristã

03 Ética do comportamento cristão

04 O amor no seio da comunidade cristã

05 Amor para com todos

06 Vencendo com o bem

07 A ética da santidade

08 A ética do culto

09 A relevância dos dez mandamentos na igreja

-

10 Com Deus não se brinca

-

11 Honrando aos pais

-

12 O valor da vida

-

13 Vivendo uma vida pura

-

14 Respeitando a propriedade alheia

-

15 A palavra fora do lugar

-

16 Ambições erradas

-

17 A ética da comunhão

1

Doutrina bíblica e ética cristã

Pr. João Arantes Costa

texto básico	Efésios 4.1-6
texto devocional	Eclesiastes 1.4-18
versículo-chave	Romanos 6.4

“Fomos, pois, sepultados com ele na morte pelo batismo; para que, como Cristo foi ressuscitado dentre os mortos pela glória do Pai, assim também andemos nós em novidade de vida”

Mostrar que o comportamento do crente deve corresponder à sua fé na pessoa de Jesus. Tiago diz: “e eu, com as obras, te mostrarei a minha fé” (Tg2.18).

leia a Bíblia diariamente	
seg	Tg 2.1-13
ter	Tg 2.14-26
qua	Tg 4.1-10
qui	Tg 4.11-17
sex	Tg 5.1-6
sáb	Tg 5.7-11
dom	Tg 5.12-20

Estamos começando uma série de lições que enfocam um dos assuntos mais importantes da vida cristã: o comportamento da pessoa salva, dentro e fora da igreja. O estudo ao qual nos propomos nesta revista é a ciência dos deveres do homem, que chamamos ética.

A missão dada por Deus ao homem para que este cumpra na terra é o tema central da ética. Nela são tratadas todas as coisas que se relacionam com a descoberta e o cumprimento dos deveres do homem. Pelo estudo da ética descobrimos a nossa razão de ser; a razão de todas as nossas inteligências e faculdades, e, ainda mais, os princípios que nos devem governar enquanto vivemos.

A doutrina bíblica exige uma ética cristã; a última não sobrevive sem a primeira. Paulo diz: “Rogo-vos, pois, eu, o prisioneiro no Senhor, que andeis de modo digno da vocação a que fostes chamados” (Ef 4.1). Andar de modo digno é a ética; vocação a que fostes chamados é a doutrina.

O que fazemos não pode estar desvinculado do que cremos. A doutrina bíblica mostra nossa posição em Cristo e a ética determina nosso comportamento em Cristo. Com base em nossa doutrina bíblica é que formulamos os deveres que temos em nosso contexto cultural. Vamos observar três aspectos.

1. Ética individual . A que trata do dever do homem para consigo mesmo.

2. Ética social. A que trata do dever do homem para com o seu próximo.

3. Ética teísta. A que trata do dever do homem para com Deus.

I. Ética individual

Para o cumprimento da sua missão moral é indispensável ao homem manter-se como ser vivo com todos os poderes desenvolvidos na sua integridade. Por isso, o seu principal dever é a conservação dos próprios poderes. Paulo chama a atenção de Timóteo para esse fato, quando diz: “Tem cuidado de ti mesmo e da doutrina. Continua nestes deveres; porque, fazendo assim, salvarás tanto a ti mesmo como aos teus ouvintes” (1Tm 4.16). Desde o momento em que o homem reconhece sua missão, e que, para cumpri-la, precisa de todos os dons naturais recebidos do Criador, ele tem de admitir que é primordial conservar tais poderes, pelos quais há de realizar sua tarefa neste mundo. Paulo, ao longo das epístolas, enfatiza a necessidade do cristão ter cuidados especiais consigo: “Portanto, vede prudentemente como andais, não como néscios e sim como sábios, remindo o tempo, porque os dias são maus” (Ef 5.15,16).

O ser humano precisa defender-se de três inimigos: a morte, a doença e a pobreza. Precisamos enfrentar corretamente esses três inimigos, que procuram por todos os meios nos cercar e impedir que cumpramos a missão a nós designada. O dever do homem para consigo prende-se à continuação da vida, à conservação da saúde e ao bem-estar socioeconômico.

Para o cristão, a ética individual começa com o autocontrole. Isto é, começa de dentro para fora. No salmo 37 vamos encontrar os passos necessários desse autocontrole para o bem-estar de cada ser humano.

1. “ Confia no Senhor ”;

2. “ Agrada-te do Senhor ”;

3. “ Entrega o teu caminho ao Senhor ”;

4. “ Descansa no Senhor ”;

5. “ Não te irrites ”;

6. “ Deixa a ira ”;

7. “ Abandona o furor ”;

8. “ Não te impacientes ”. A falta de autocontrole “ acabará mal ”.

A conservação própria é, portanto, absolutamente indispensável a uma pessoa. Os vícios: cigarro, bebida, droga, sexo livre, jogatina, tão comuns entre o povo do mundo, são condenáveis entre os cristãos.

II. Ética social

A ética social trata dos deveres gerais do homem para com o próximo. O mesmo dever que o homem tem para consigo tem para com o seu semelhante. Visto que a existência contínua da pessoa lhe é absolutamente indispensável no cumprimento da sua missão moral, o grande dever do homem para com o próximo é procurar, por todos os meios lícitos, conservar-lhe o ser com todos os seus direitos. O nosso próximo tem direito à conservação da vida; tem direito ao exercício livre dos seus poderes; tem direito ao governo dos seus bens; tem direito à verdade em todas as suas relações; e, finalmente, tem direito ao acolhimento por um irmão.

Os fariseus perguntaram a Jesus: “Mestre, qual é o grande mandamento na lei? Respondeu-lhe Jesus: Amarás o Senhor, teu Deus, de todo o teu coração, de toda a tua alma, de todo o teu entendimento. Este é o grande e primeiro mandamento. O segundo, semelhante a este, é: Amarás o teu próximo como a ti mesmo” (Mt 22.36-39).

O primeiro mandamento trata da ética teísta, que é o tema da terceira divisão desta lição, e o segundo mandamento trata da ética social: amar o próximo como a nós mesmos.

Vejamos como Paulo coloca o assunto: “Nada façais por partidarismo ou vanglória, mas por humildade, considerando cada um os outros superiores a si mesmo. Não tenha cada um em vista o que é propriamente seu, senão também cada qual o que é dos outros” (Fp 2.3-4).

Jesus coloca, no segundo mandamento, o amor como o fundamento da ética social. Ninguém consegue conviver bem com o próximo se ele é desprovido do sentimento de amor. No famoso capítulo do amor, Paulo diz o seguinte: “O amor é paciente, é benigno; o amor não arde em ciúmes, não se ufana, não se ensoberbece, não se conduz inconvenientemente, não procura seus interesses, não se exaspera, não se ressente do mal; não se alegra com a injustiça, mas

regozija-se com a verdade; tudo sofre, tudo crê, tudo espera, tudo suporta. O amor jamais acaba” (1Co 13.4-8). O amor, como definido nessa passagem bíblica, nada tem a ver com sentimentos ternos e calorosos de afeição. O amor ético não se expressa nas palavras eros ou fileos e, sim, na palavra “ágape”: amor incondicional. A segunda milha da ética social diz o seguinte: “Pelo contrário, se o teu inimigo tiver fome, dá-lhe de comer; se tiver sede, dá-lhe de beber; porque, fazendo isto, amontoarás brasas vivas sobre a sua cabeça. Não te deixes vencer do mal, mas vence o mal com o bem”(Rm 12.20-21).

III. Ética teísta

A ética teísta trata da aplicação dos princípios da lei moral ao procedimento do homem no relacionamento com Deus. Quando observamos a paixão de Cristo, deparamo-nos com duas hastes de madeira cruzadas. A haste vertical representa a relação de Deus com o homem e a haste horizontal representa a relação do homem com o próximo.

A haste vertical é a ética teísta: os nossos deveres para com Deus. Os dez mandamentos podem ser colocados nessa dimensão. Os quatro primeiros tratam dos deveres para com Deus (ética teísta); os seis mandamentos seguintes tratam dos deveres para com nós mesmos e também para com o próximo – ética individual e social.

A ética teísta consiste numa devoção do homem todo, de tudo quanto ele é e possui, a Deus. De todos os deveres que o homem tem para com Deus, a devoção é o mais elevado, o mais nobre de todos os seus sentimentos. Quando Paulo, em Romanos 12.1 e 2, fala do “culto racional”, ele está falando do homem total em devoção a Deus. A devoção suprema do corpo, intelecto, coração e vontade.

A nossa relação com Deus é a relação-chave em nossa vida, por isso é que dessa relação dependem todas as outras. A pessoa que fica feliz nessa relação, também será em todas as outras de que trata a ética. O único meio pelo qual podemos cumprir os deveres em relação a nós mesmos e em relação ao próximo é o exercício da fidelidade no cumprimento dos deveres para com Deus. Por isso, dizemos que a ética teísta parte da devoção do homem a Deus. Isto é, uma entrega total, plena e irreversível da vida ao Senhor. Jesus disse à multidão juntamente com Seus discípulos: “Se alguém quer vir após mim, a si mesmo se negue, tome a sua cruz e siga-me” (Mc 8.34).

Conclusão

Temos visto até aqui que a ética cristã não é uma ciência independente, mas parte integral de todas as outras ciências. Cada segmento científico ou profissional tem o seu código de ética. O cristianismo como um segmento dagrande sociedade universal tem o seu código de ética que é a Bíblia Sagrada. É nessa visão que Paulo diz a Timóteo: “Toda a Escritura é inspirada por Deus e útil para o ensino, para a repreensão, para a correção, para a educação na justiça, a fim de que o homem de Deus seja perfeito e perfeitamente habilitado para toda boa obra” (2Tm 3.16 e 17). A cada momento temos que tomar decisões com implicações pessoais, sociais e teístas. Temos que avaliar quais os efeitos das nossas ações sobre nós mesmos, sobre os outros e, acima de tudo, sobre o nosso Deus.

Reflita:

Estou colocando essas áreas da ética na prática?

1. Ética individual . “ cada um de nós dará contas de si mesmo a Deus ” (Rm 14.12).

2. Ética social . “ Levai as cargas uns dos outros ” (Gl 6.2).

3. Ética teísta . “ Não terás outros deuses diante de mim ” (Êx 20.3).

Encerramos esta lição com as magníficas palavras de Jesus: “Assim brilhe a vossa luz diante dos homens, para que vejam as vossas boas obras e glorifiquem a vosso Pai que está nos céus” (Mt 5.16).

2

Princípios bíblicos de ética cristã

Pr. João Arantes Costa

texto básico	Filipenses 4.1-9
texto devocional	Provérbios 4.1-27
versículo-chave	Filipenses 4.8

“Finalmente, irmãos, tudo o que é verdadeiro, tudo o que é respeitável, tudo o que é justo, tudo o que é puro, tudo o que é amável, tudo o que é de boa fama, se alguma virtude há e se algum louvor existe, seja isso o que ocupe o vosso pensamento”

Você entenderá os princípios imutáveis da palavra de Deus nos quais o cristão deve moldar a sua vida.

leia a Bíblia diariamente	
seg	Sl 119.1-40
ter	Sl 119.41-80
qua	Sl 119.81-110
qui	Sl 119.111-134
sex	Sl 119.135.150
sáb	Sl 119.151-165
dom	Sl 119.166-176

Na primeira lição desta série, procuramos fixar um paralelo entre a doutrina bíblica e a ética cristã. Com isso ficou claro que uma não pode subsistir sem a outra. Não podemos ter doutrina sem ética e ética sem doutrina. Paulo, no texto básico desta lição, tenta mostrar que a mente humana está fixada em alguma coisa. É uma lei da vida que se um homem pensa em algo com frequência, chegará o momento em que não poderá desejar outra coisa. Por isso é importante que o cristão pense em coisas dignas. Aos colossenses escreveu o apóstolo: “Portanto, se fostes ressuscitados juntamente com Cristo, buscai as coisas lá do alto, onde Cristo vive, assentado à direita de Deus. Pensai nas coisas lá do alto, não nas que são aqui da terra” (Cl 3.1 e 2).

A esta altura, é bom fazermos uma distinção entre costumes e princípios.

1. Costumes são procedimentos culturais e ocasionais

Os fariseus chegaram a Jesus e lhe disseram: “Por que transgridem os teus discípulos a tradição (costumes) dos anciãos? Pois não lavam as mãos, quando comem” (Mt 15.2). Lavar as mãos antes de comer é costume de higiene pessoal.

2. Princípios são procedimentos estabelecidos por Deus

São eternos, inalteráveis e inegociáveis. Pedro e João testemunharam diante do Sinédrio que o princípio da salvação está em nosso Jesus: “E não há salvação em nenhum outro; porque abaixo do céu não existe nenhum outro nome, dado entre os homens, pelo qual importa que sejamos salvos” (At 4.12).

Na ética há costumes e há princípios. Como já vimos, os costumes podem variar de acordo com o contexto cultural e profissional, mas os princípios não. Vejamos como Paulo trata desse assunto de princípios. Em Filipenses 4.8, que é o nosso texto-chave, ele estabelece esses princípios.

I. Tudo o que é verdadeiro

O primeiro princípio da ética cristã é, sem dúvida alguma, a verdade. No mundo há muitas coisas ilusórias e enganosas. Prometem o que jamais podem realizar. Paulo destaca esse princípio quando exorta os efésios, dizendo: “Mas, seguindo a verdade em amor, cresçamos em tudo naquele que é a cabeça, Cristo”(Ef 4.15). Por faltar com a verdade, Ananias e Safira receberam o castigo máximo de Deus: a morte (At 5.1-11).

II. Tudo o que é respeitável

A versão de Almeida antiga usa “tudo o que é honesto”. A Bíblia de Jerusalém usa “tudo o que é nobre”. Respeitável, honesto, nobre, se confundem no texto original. Quando isso se aplica ao homem, descreve alguém que vive como se todo este mundo fosse templo de Deus. Isto é, a sua vida no mundo é idêntica à sua vida no templo de Deus. No mundo há coisas triviais, baratas, atrativas e superficiais. O cristão deve fixar a mente nas coisas que são profundas, sérias e dignas.

III. Tudo o que é justo

O termo grego dikaios define o homem justo: o que dá a Deus e aos homens o que é devido. Em outras palavras, dikaios é a palavra de dever assumido e realizado. Há quem coloque o pensamento nos prazeres do mundo, esquecendo-se totalmente dos seus deveres para com Deus e para com a sociedade.

O profeta Habacuque condena a quebra do princípio da justiça com os cinco “ais” decretados.

1. “ Ai daquele que acumula o que não é seu ”.

2. “ Ai daquele que ajunta em sua casa bens mal adquiridos ”.

3. “ Ai daquele que edifica a cidade com sangue e a fundamenta com a iniquidade! ”

4. “ Ai daquele que dá de beber ao seu companheiro, misturando à bebida o seu furor ”.

5. “ Ai daquele que diz à madeira: Acorda! E à pedra muda: Desperta! ” (Hc 2.6-20).

IV. Tudo o que é puro

A palavra grega usada para puro descreve o que é moralmente limpo e livre de mancha. No ritual do Antigo Testamento, a palavra descreve algo purificado de tal maneira que se faz apto para ser oferecido a Deus em holocausto e para o Seu serviço. Quando Deus ordenou a Páscoa para o povo hebreu, Ele disse: “O cordeiro será sem defeito (sem mancha), macho de um ano”(Êx 12.5). Por exemplo: quando estabelece em 1Timóteo 3 o perfil do líder espiritual, Paulo começa dizendo: “É necessário, portanto, que o bispo seja irrepreensível”. Esse é um princípio que não pode ser alterado no que costumamos chamar de “A ética do obreiro”. Basta ler com atenção o salmo 24: “Quem subirá ao monte do Senhor? O que é limpo de mãos e puro de coração”.

V. Tudo o que é amável

Parece que a melhor tradução seria “tudo o que é agradável”. O termo amável ou agradável sugere tudo o que suscita amor. Há crentes que vivem sofrendo porque alimentam no coração a vingança. Em vez de atraírem para si o amor, atraem a amargura, o ressentimento.

O escritor da carta aos Hebreus diz: “Segui a paz com todos e a santificação, sem a qual ninguém verá o Senhor, atentando, diligentemente, por que ninguém seja faltoso, separando-se da graça de Deus; nem haja alguma raiz de amargura que, brotando, vos perturbe, e, por meio dela, muitos sejam contaminados” (Hb12.14-15).

Os crentes da igreja primitiva eram, sem dúvida alguma, agradáveis: “louvando a Deus e contando com a simpatia de todo o povo” (At 2.47).

VI. Tudo o que é de boa fama

Também pode ser “tudo o que é de boa reputação”. Podemos clarear esse princípio com a palavra de Paulo em 1Timóteo 3.7. Ele diz: “é necessário que ele tenha bom testemunho dos de fora, a fim de não cair no opróbrio e no laço do diabo”. Abraão era respeitado entre os povos pagãos por causa de sua postura como “amigo de Deus”. O cristão, nos lábios do próprio Cristo, é “luz do mundo e sal da terra”. Será que a nossa “fama”, na comunidade em que vivemos, dentro e fora da igreja, é boa ou má? Será que os nossos parentes e amigos podem dizer de nós o que a sunamita disse de Eliseu ao seu esposo? “Vejo que este que passa sempre por nós é santo homem de Deus” (2Rs 4.9).

Conclusão

Examinamos até aqui os seis princípios da ética cristã. Agora, Paulo termina a sua doutrinação destacando a excelência do comportamento cristão: “Se há alguma virtude e se algum louvor existe, seja isso o que ocupe o vosso pensamento”. Esses princípios se integram no cômputo dos verdadeiros valores da vida. Pensar nessas coisas significa “tomá-las na devida conta”. Isto é, levar a vida a sério. Se esses princípios são dignos, então tornemo-los parte de nossa vida.

Encerramos esta lição sugerindo a leitura de Tito 2.12: “Educando-nos para que,

renegadas a impiedade e as paixões mundanas, vivamos, no presente século, sensata, justa e piedosamente". Eis a excelência da vida cristã: vida sensata; justa e piedosa.

Com base no que leu, reflita:

1. Costumes e princípios – quais os meus valores?

2. Dentro e fora da igreja – tudo é a mesma coisa?

3. Estou vivendo a vida cristã de modo excelente?

3

Ética do comportamento cristão

Pr. João Arantes Costa

texto básico	Romanos 12.9-11
texto devocional	Mateus 5.43-48
versículo-chave	Filipenses 1.9-10

“E também faço esta oração: que o vosso amor aumente mais e mais em pleno conhecimento e toda a percepção, para aprovardes as coisas excelentes e serdes sinceros e inculpáveis para o Dia de Cristo”

Você conhecerá os passos para chegar à excelência da vida cristã sem “murmurações nem contendas”.

leia a Bíblia diariamente	
seg	Fp 1.27-30
ter	Fp 2.1-4
qua	Fp 2.12-18
qui	Mt 5.38-42
sex	Mt 6.19-24
sáb	Mt 6.25-34
dom	Mt 7.1-5

Iniciamos esta lição com Provérbios 26.18-20: “Como o louco que lança fogo, flechas e morte, assim é o homem que engana a seu próximo e diz: Fiz por brincadeira. Sem lenha, o fogo se apaga; e, não havendo maldizente, cessa a contenda”.

Paulo começa a seção ética de sua carta aos Romanos com a excelência do “culto racional” e da diversidade dos dons espirituais que devem estar a serviço da igreja. Entre os dons espirituais e os degraus do comportamento cristão, exatamente no começo de Romanos 12.9, ele coloca a pedra angular da ética cristã: “o amor seja sem hipocrisia”. O amor, que é realmente o princípio governante da vida cristã, é mais do que uma emoção, e é de natureza mais firme do que mero sentimentalismo ou pura filantropia. Salomão poetiza esse amor sem hipocrisia, dizendo: “Põe-me como selo sobre o teu coração, como selo sobre o teu braço, porque o amor é forte como a morte, e duro como a sepultura, o ciúme; as suas brasas são brasas de fogo, são veementes labaredas. As muitas águas não poderiam apagar o amor, nem os rios, afogá-lo; ainda que alguém desse todos os bens da sua casa pelo amor, seria de todo desprezado” (Ct 8.6-7). A partir do “amor sem hipocrisia”, vêm os degraus da ética do comportamento cristão, que vamos estudar em lições seguintes. Nesta lição trataremos de seis desses degraus.

I. Detestai o mal

Detestar o mal é o mesmo que odiá-lo. Paulo usa várias vezes a palavra “fugir” para significar a repulsa que o cristão deve ter das coisas que são más (1Co 6.18; 10.14 e 1Tm 6.11): “Tu, porém, ó homem de Deus, foge destas coisas”. Carlyle, escritor cristão, comentando esse texto, diz: “O que necessitamos é ver a infinita beleza da santidade, e a infinita maldição e o horror do pecado”. O apóstolo João, em sua primeira epístola, coloca esse “detestai o mal” da seguinte maneira: “Não ameis o mundo nem as coisas que há no mundo. Se alguém amar o mundo,

o amor do Pai não está nele” (1Jo2.15).

II. Apegai-vos ao bem

O verbo “apegar” sugere um desejo intenso de apropriar-se de alguma coisa. O salmista assim se expressa: “Ó Deus, tu és o meu Deus forte; eu te busco ansiosamente; a minha alma tem sede de ti; meu corpo te almeja, como terra árida, exausta, sem água.” (Sl 63.1).

O comportamento ético do cristão é uma busca constante e intensa do que é bom. As palavras usadas por Paulo são firmes: “detestai” e “apegai”. Elas podem ser ilustradas com dois versos de Colossenses, como veremos a seguir.

1. Detestai

“Agora, porém, despojai-vos, igualmente, de tudo isto: ira, indignação, maldade, maledicência, linguagem obscena do vosso falar. Não mintais uns aos outros, uma vez que vos despistes do velho homem” (Cl 3.8 e 9).

2. Apegai-vos

“Revesti-vos, pois, como eleitos de Deus, santos e amados, de ternos afetos de misericórdia, de bondade, de humildade, de mansidão, de longanimidade” (Cl 3.12).

Tudo isso nada mais é do que empurrar para longe de nós o mal e abraçar de corpo e alma o que é bom, o que edifica.

III. Amai-vos cordialmente uns aos outros

Devemos ser afetuosos uns com os outros em amor fraternal. A palavra “cordialmente” é que qualifica esse amor. “Seja constante o amor fraternal. Não negligencieis a hospitalidade, pois alguns, praticando-a, sem o saber acolheram anjos” (Hb 13.1-2). Esse degrau do comportamento ético do cristão é um dos muitos mandamentos da mutualidade. O amor cordial é recíproco: “uns aos outros”. Dentro da igreja não somos estranhos; muito menos unidades isoladas. Somos irmãos, porque temos o mesmo Pai. A igreja não é um clube onde as pessoas se associam; nem simplesmente uma reunião de amigos. A igreja é a família de Deus. A reciprocidade no amor é a marca mais visível no corpo de Cristo.

IV. No zelo, não sejais remissos

O descuido da vida cristã acarreta sérios problemas. O cristão não pode tomar as coisas de qualquer maneira. O nosso cotidiano é sempre uma alternativa entre a vida e a morte. O tempo é curto e a vida terrena é uma preparação para a eternidade. O profeta Jeremias exorta-nos: “Maldito aquele que fizer a obra do Senhor

relaxadamente!” (Jr 48.10). Costuma-se dizer que o cristão pode abrasar-se, porém nunca oxidar-se. Jesus, em carta à igreja de Laodiceia, exorta: “Eu

repreendo e disciplino a quantos amo. Sê, pois, zeloso e arrepende-te” (Ap 3.19).

V. Sede fervorosos de espírito

William Barclay, comentando esse degrau da ética do comportamento cristão, diz: “Devemos manter nosso espírito sempre em alta. Espírito fervoroso é espírito que transborda em amor por Deus e pelo próximo. Ilustra-se esse fervor com uma vasilha de água fervendo no fogo”. Foi exatamente nessa dimensão que Jesus advertiu a igreja de Laodiceia: “Conheço as tuas obras, que nem és frio nem quente. Quem deras fosses frio ou quente! Assim, porque és morno e nem és quente nem frio, estou a ponto de vomitar-te da minha boca” (Ap 3.15-16). O que se requer do verdadeiro cristão é que ele seja “fervoroso de espírito”. Isto é, uma pessoa entusiasmada e apaixonada pela salvação das almas e pela santificação da Igreja.

VI. Servindo ao Senhor

Quem serve ao Senhor, está servindo ao seu próximo, e quem serve ao seu próximo está servindo ao Senhor. Jesus coloca esse assunto da seguinte maneira: “Em verdade vos afirmo que, sempre que o fizestes a um destes meus pequeninos irmãos, a mim o fizestes” (Mt 25.40). O salmista, no hino de ingresso ao templo, declara: “Servi ao Senhor com alegria”. Esse sentimento deve ser constante no serviço cristão. O crente deve ter prazer no que faz servindo no reino de Deus. Por isso mesmo, aconselha o apóstolo: “Portai-vos com sabedoria para com os que são de fora; aproveitai as oportunidades” (Cl 4.5). “Quem não vive para servir, não serve para viver”.

Conclusão

Elisabeth Gomes, em seu livro “Ética nas pequenas coisas”, diz: “Deus espera de Seus filhos pecadores e redimidos pelo sangue de Jesus um padrão de excelência em tudo. Deste lado da glória não atingiremos perfeição no sentido de não pecarmos, mas somos aperfeiçoados a cada dia, à medida que nos achegamos Àquele que cumpre em nós o querer e o realizar”.

A vida cristã é uma experiência que se renova a cada dia em nosso relacionamento com Deus e com o nosso próximo.

Na carta aos Romanos, Paulo diz: “Fomos, pois, sepultados com ele na morte pelo batismo; para que, como Cristo foi ressuscitado dentre os mortos pela glória do Pai, assim também andemos nós em novidade de vida” (Rm 6.4). Esse “andar em novidade de vida” implica:

1. Detestar o mal;

2. Apegar-se ao bem;

3. Amar cordialmente uns aos outros;

4. Não ser remisso no zelo pelas coisas de Deus;

5. Ser fervoroso de espírito;

6. Servir ao Senhor com alegria.

Para encerrar esta lição, reflitamos a respeito dos seguintes temas.

1. A semelhança de Deus: “ Sede perfeitos, como perfeito é o vosso Pai celeste ” (Mt 5.48).

2. O exemplo para a igreja: “… vos tornastes o modelo para todos os crentes ” (1Ts 1.7).

3. O espelho dos fiéis: “ Sê exemplo dos fiéis, na palavra, no trato, no amor, na fé, na pureza ” (1Tm 4.12).

4

O amor no seio da comunidade cristã

Pr. Luiz César Nunes de Araújo

texto básico	Romanos 12.12-13
texto devocional	Salmo 40.1-5
versículo-chave	Romanos 12.12

“Regozijai-vos na esperança, sede pacientes na tribulação, na oração, perseverantes”

Você entenderá a necessidade de viver a vida cristã dentro dos altos padrões de comportamento inspirados por Jesus.

leia a Bíblia diariamente	
seg	1Co 13.1-13
ter	2Co 1.3-11
qua	Fp 4.2-7
qui	2Co 8.1-15
sex	Hb 13.1-6
sáb	Rm 12.1-8
dom	Rm 12.9-21

Nós, os cristãos, enquanto aguardamos a volta de Cristo, temos deveres sociais e éticos, os quais são como parâmetros para nosso comportamento. Fazemos parte da sociedade e temos que exercer influência sobre ela. A igreja de Roma, destinatária do texto sagrado que estamos estudando nas lições 3 a 6, vivia num clima hostil ao evangelho. Eles deveriam, no entanto, excercer a vida cristã ativamente, brilhando no meio das trevas (Rm 13.11-14). O que determina o nosso proceder não é o sistema ao nosso redor, mas os critérios claros descritos na palavra de Deus (Rm 12.2).

Nos pontos que se seguem, Paulo mostra mais cinco diretrizes para que o nosso comportamento seja como o verdadeiro fruto de nossa fé.

I. Alegrai-vos na esperança

(Rm 12.12)

"Antes, santificai a Cristo, como Senhor, em vosso coração, estando sempre preparados

para responder a todo aquele que vos pedir razão da esperança que há em vós".

(1Pedro 3.15)

Paulo fala constantemente aos romanos sobre o tema da esperança (Rm 4.18; 5.2; 5.5; 8.24; 12.12 e 15.13). Talvez já os estivesse preparando para um futuro

difícil. A alegria da esperança dos crentes ajuda-os a suportarem as cargas das reivindicações que se seguem: sofrimento, paciência, hospitalidade, perseguição e choro. Só quem mantém uma esperança viva em Cristo pode passar com alegria pelos caminhos citados. Martin Franzmann nos ensina que a esperança é um subproduto do amor. Paulo une os dois (1Co 13.7; Cl 1.4-5). Diz Franzmann: “A esperança cristã não apenas dá coragem e resistência em aflições prolongadas (v.12); mas dá ao cristão aquela largueza de coração que o torna receptivo às necessidades de seus ‘irmãos na fé’”. A esperança cria a capacidade de amar e bendizer os próprios perseguidores (Rm 12.14; Mt 5.44).

Embora haja o sofrimento presente, o cristão se alegra nas promessas de Deus com esperança, e a finalidade da esperança é a redenção de nossa alma. “A expectativa do cumprimento de nossa fé enche-nos o coração de júbilo, a despeito das circunstâncias externas e das condições negativas que vez por outra afligem a vida de todos nós” (Champlin). Alegria e ânimo nos são proporcionados quando contemplamos, pela fé, a concretização de nossa esperança espiritual em Cristo.

II. Sede pacientes na tribulação

(Rm 12.12)

“Porque os olhos que choraram e sofreram serão para sempre diferentes de todos os outros olhos.”

(Rubem Alves)

A esperança cristã nos dá coragem e resistência em aflições prolongadas, que exigem paciência.

As perseguições e as tribulações podem redundar em benefícios para os crentes (At 14.22), bem como para o evangelho (Fp 1.12-14). É no sofrimento que entendemos quanto somos dependentes da graça de Deus (2Co 12.10). Nas tribulações, crescem as pessoas, as famílias, a igreja e a nação. Esses grupos tomam um propósito de unidade em meio ao sofrimento. A tribulação nos torna conselheiros sábios e experimentados (1Co 1.3-5). A tribulação pode ajudar a nossa purificação espiritual, livrando-nos de pecados e imperfeições (2Co 7.10); Jesus nos deixou o exemplo (Hb 2.10; 5.8). Em todas as formas de tribulações, entretanto, precisamos ter paciência, sabendo que a tribulação promove a paciência, que a paciência forma o bom caráter, e este, por sua vez, gera esperança. E na esperança não somos confundidos (Rm 5.3-5 e Tg 1.2-4).

III. Perseverai na oração

(Rm 12.12)

“Não importa quão grande seja a pressão. O que importa, na verdade, é onde está a pressão: a pressão separa você de Deus ou empurra-o para mais perto de Deus? Você está sentindo uma forte pressão hoje? Está começando a ficar deprimido? Quando você estiver orando, hoje, tire o fardo de suas costas, e coloque-o nas costas de Deus. Ele sabe como lidar com os fardos. Ele tem cuidado de você!

Transforme esse momento tranquilo de devoção numa experiência que liberta pressões.”

(Hudson Taylor)

As aflições normalmente levam o crente a orar mais. No entanto, quando não desenvolvemos a paciência na oração, dificilmente perseveramos na sua prática.

A combinação sofrimento, paciência e oração já fora citada antes por Paulo (Rm 8.18, 25 e 26) e aparece sempre no contexto de esperança cristã. Os crentes devem ser perseverantes na oração, pois é em oração que eles encontram consolo para as suas tribulações (Ef 6.18; Fp 4.6).

Paulo vinha exaltando as graças cristãs, e todas elas estão arraigadas à oração e nela se desenvolvem. “As qualidades em que o apóstolo confiava que distinguiam os cristãos só podem ser sustentadas por meio de uma dependência constante e consciente de Deus. À parte da oração desconheceremos o sentido da alegria, não compreenderemos a paciência” (G. R. Grogg).

Uma vida transformada tem a oração como um instrumento crucial para o seu comportamento cristão.

Quando surgem as aflições, geralmente oramos, mas muitas vezes não perseveramos nesse intento. A continuação na oração é uma necessidade, devemos “orar sem cessar” (1Ts 5.17).

Esse exercício contínuo da oração é coerente com a vida cristã disciplinada e exaltada pelo apóstolo Paulo (1Co 9.26; Fp 3.14; 2Tm 2.3-5). Também o escritor aos Hebreus naturalmente pensa sobre o corredor que, no estádio, esforça-se por alcançar o prêmio (Hb 12.1).

IV. Compartilhai as necessidades dos santos

(Rm 12.13)

"A esperança cristã não apenas dá coragem e resistência em aflições prolongadas, mas, também, dá ao cristão aquela largueza de coração que o torna receptivo às necessidades de seus irmãos."

(Martin Franzmann)

Segundo Paulo, os crentes têm uma responsabilidade social com os demais irmãos na fé, especialmente em tempo de tribulação. O apóstolo conclamou os gálatas a fazer o bem, especialmente aos da família da fé (Gl 6.10). O próprio Paulo estava muito ativo em levantar uma oferta para os santos pobres em Jerusalém (Rm 15.26). João, semelhantemente, ressaltou a providência para as necessidades dos irmãos (1Jo 3.17). Tiago confirma esse princípio (Tg 2.15-16). A marca mais alta do amor cristão é o amor aos irmãos. Jesus disse: "Nisto conhecerão todos que sois meus discípulos: se tiverdes amor uns aos outros" (Jo 13.35).

Isso não significa que os cristãos devam se preocupar socialmente apenas com os cristãos. A Bíblia está repleta de evidências de que os crentes devem fazer o bem a todos os homens. A solicitude social dos cristãos deve começar com sua própria família (1Tm 5.8; 1Ts 4.11,12) e com os outros crentes, mas não deve terminar aí (1Tm 6.18; Mt 25.35-46 e Gl 6.9-10).

Muitas igrejas, para dar seguimento a essa orientação bíblica, têm criado ministérios que organizam e incentivam a assistência aos santos.

aplicação

Sua igreja tem assistido aos santos? Sua igreja tem se estruturado para essa tarefa

V. Praticai a hospitalidade

(Rm 12.13)

“Não se esqueçam da hospitalidade; foi praticando-a que, sem o saber, alguns acolheram anjos.”

(Hebreus 13.2)

A hospitalidade é uma forma especial de prestar assistência aos santos, especialmente a cristãos exilados, perseguidos ou desabrigados.

Desde o princípio do cristianismo, essa qualidade vem sendo considerada como um dos deveres importantes de fé (Hb 13.2; 1Tm 3.2; Tt 1.8 e 1Pe 4.9).

“Muitos dos crentes viviam como estrangeiros no mundo, distantes de seu país nativo, algumas vezes enfrentando circunstâncias hostis. A hospitalidade nestas condições tornava-se uma importantíssima manifestação de amor cristão” (Champlin). O que Paulo está dizendo é que a hospitalidade não deve apenas ser fornecida, mas perseguida. A melhor tradução seria “persegui a hospitalidade”. É bom lembrar que Paulo diz a Timóteo que os líderes têm uma obrigação maior de praticar a hospitalidade (1Tm 3.2); ainda que seja um mandamento para todos os crentes.

Cabe aqui uma palavra de alerta: muitos crentes e igrejas, no propósito genuíno de cumprirem esse mandamento, têm sido vítimas de falsos cristãos que lhes causam grandes prejuízos. É necessário muito cuidado. Sejamos simples como as pombas, mas astutos como as serpentes (Mt 10.16) para cumprir esse mandamento sem colocar em risco os familiares e demais pessoas. Na dúvida, a liderança da igreja deve ser consultada.

Conclusão

Estamos diante de mandamentos que enfatizam o comportamento ético cristão; mandamentos que só podem ser obedecidos se a nossa vida estiver entregue incondicionalmente no altar do Senhor (Rm 12.1).

Fazendo assim, demonstraremos uma natureza transformada e autenticidade na comunhão com Deus, e muitas pessoas conhecerão melhor o Senhor, observando nosso comportamento verdadeiramente cristão (Mt 5.13-16).

5

Amor para com todos

Pr. Luiz César Nunes de Araújo

texto básico	Romanos 12.14-16
texto devocional	Filipenses 2.5-10
versículo-chave	Romanos 12.14

“Abençoai os que vos perseguem, abençoai e não amaldiçoeis”

Você continuará a ser desafiado a viver uma vida cristã autêntica diante dos outros crentes e dos não crentes.

leia a Bíblia diariamente	
seg	Fp 2.5-10
ter	Ef 4.1-6
qua	Jo 17.1-26
qui	At 2.42-47
sex	Tg 3.9-17
sáb	Mt 5.1-10
dom	Mt 5.38-48

Oapóstolo Paulo vem descrevendo com muita coerência a ética do comportamento cristão. A lição anterior enfatiza o amor no seio da comunidade cristã. O amor é o grande princípio normativo dessa ação. Na comunidade do povo de Deus cada crente é chamado para efetivar o amor ao próximo por meio de ações. A partir do versículo 14, Paulo mostra que esse princípio do amor cristão deve aplicar-se, abarcando também o mundo exterior. Deus amou o mundo (Jo 3.16), isto é, a humanidade inteira; espera-se dos crentes a mesma amplitude de amor.

Uma clara demonstração do amor de Deus pode atrair as pessoas para o reino do Salvador. “Quando ainda estávamos sem forças, Cristo morreu a Seu tempo pelos “ímpios”. Deus recomendou o Seu amor para conosco quando ainda éramos “pecadores”, e isso foi demonstrado pelo fato de que Cristo morreu por tais pecadores. (cf. Rm 5.6, 8). Nisso percebemos o princípio divino do amor em operação, que se baseia em si mesmo, e não no objeto amado. O amor é um princípio fixo da natureza divina, não é algum benefício que opera somente em favor dos objetos que lhe são agradáveis. Deus achou por bem amar, e assim amou ao mundo. O amor de Deus, entretanto, é um poder transformador que pode modificar completamente o objeto amado.” (Champlin)

Vejamos o que, à sombra do amor de Deus, podemos investir nas outras pessoas e em nós mesmos.

I. Abençoai os que vos perseguem

(Rm 12.14)

“Em Cristo encontrai o possível no impossível; levai à morte o ressentimento da natureza humana, deixando tudo aos pés de Cristo, no hálito de seu amor.”

(Moule)

Se a esperança cria largueza de coração para com os perseguidos, também cria a capacidade de amar e bendizer os próprios persequidores. O mandamento do Senhor é amar e bendizer os nossos inimigos e perseguidores (Mt 5.44). Nas promessas das bem-aventuranças, Jesus fala da reação correta em relação à perseguição (Mt 5.10-12). Pedro igualmente ordena que evitemos a vingança e que abençoemos os que nos injuriam. Abençoar é uma atitude bastante condizente com os filhos de Deus. Os que não são do Senhor têm facilidade em maldizer as outras pessoas.

Algumas vezes as crises pelas quais passamos podem nos levar a um sentimento de vingança em relação às pessoas que nos prejudicam. É aí que se percebe a diferença de estar em Cristo: o mesmo sentimento que Nele habitou deve estar em nós (Fp 2.5). “Ter a boca cheia de amargura é uma das grandes características dos homens não regenerados, o que de forma alguma convém àqueles que proferem o nome de Cristo” (John Gill).

É bom que cada um reflita no que tem falado a respeito das autoridades, dos líderes religiosos e das pessoas ao redor. Cada um de nós deve aprender a falar bem a respeito dos outros (Tg 3.9-12).

II. Alegrai-vos com os que se alegram e chorai com os que choram

(Rm 12.15)

“Não convém a nenhum crente aspirar ambiciosamente aquelas coisas mediante as quais poderá ultrapassar a outros, e nem lhe convém assumir uma experiência exaltada e altiva; bem pelo contrário, compete-lhe humildade e mansidão.”

(João Calvino)

Paulo fala na graça cristã da empatia, que é a capacidade de se identificar com a outra pessoa, de sentir o que ela sente (Dicionário Eletrônico Houaiss da língua portuguesa, 2002).

Quanto mais a pessoa vai se tornando parecida com Cristo, mais se deixará mover de empatia com outras pessoas. A largueza de coração criada pela esperança cristã torna o homem sensível às alegrias e tristezas dos outros em geral.

Crisóstomo nos adverte que é mais fácil chorar com os que choram do que se alegrar com os que se alegram. Porque é comum à natureza humana chorar pelos que sofrem, contudo, podemos cair no pecado da inveja ao vermos uma pessoa obtendo sucesso. No entanto, quem ama ficará sempre feliz com a alegria da pessoa amada.

“Quanto mais egoísta formos, tanto menos inclinados à empatia seremos. Em contrapartida, quanto mais altruístas formos, tanto maior será a nossa empatia

por nossos semelhantes.”

(Champlin)

Esforcemo-nos por possuir a mente compassiva e cheia de empatia. Que nosso coração se deixe tocar pela aflição alheia!

III. Tende o mesmo sentimento uns paracom os outros (Rm 12.16)

“Unidade é o compartilhar incondicional de nossa vida com os outros membros do corpo de Cristo.”

(R. J. Sider)

A edição da Bíblia revista e corrigida traduz o v.16 da seguinte forma: “Sede unânimes entre vós”. De fato, Paulo está focalizando a necessidade de harmonia entre os irmãos. A harmonia é um dos resultados naturais do amor, da mesma forma que a dissensão, os conflitos e a confusão são resultados perfeitamente naturais do orgulho e da vaidade.

A harmonia entre nós é produzida pela operação amorosa do Espírito Santo, a

qual produz todo o seu fruto em nós. As relações harmoniosas então devem ser buscadas e mantidas no seio da comunidade cristã (Rm15.5; 2Co13.11; Fp 2.2 e 4.2). O próprio Senhor Jesus nos informou que a nossa unidade é um meio eficaz para o testemunho cristão (Jo 17.23).

IV. Condescendei como que é humilde

(Rm 12.16)

"A humildade é a base de toda a virtude, e aquele que desce mais é quem edifica com maior segurança."

(Philip J. Bosley)

Cada crente deve identificar-se com os demais. Não pode haver distinção que promova a divisão do corpo de Cristo. É bom lembrar que os romanos, para quem primeiramente foi endereçada essa carta, tinham escravos. Quão difícil deve ter sido para alguns indivíduos destacados se misturarem e tratarem como iguais aos escravos de sua casa! Cristo trouxe uma nova ordem, pois em Sua família o prestígio social não mais distingue os filhos.

O crente deve se deixar atrair também por pessoas de menor influência na igreja. Não se deve privilegiar a quem tem uma melhor posição social e intelectual. Este é um sinal de uma igreja sadia: os irmãos de classes sociais distintas convivendo com igualdade e amor (At 2.42-44).

Os títulos e a aristocracia de alguns irmãos mais privilegiados deviam ficar fora do convívio da comunhão cristã (Tg 2.1-9).

“Rebaixai-vos à condição de humilde, andando ou caminhando ao lado deles; não sendo humilde tão somente na atitude mortal, mas ajudando-os igualmente, e estendendo a mão para eles.”

(Crisóstomo)

aplicação

Procure observar se os irmãos de condição mais humilde de sua igreja têm sido a

V. Não sejais sábios aos vossos próprios olhos

(Rm 12.16)

“A coisa trivial, a tarefa comum, fornecerá tudo quanto devemos pedir:

ocasião para negarmos a nós mesmos, um caminho que nos leve cada dia mais perto de Deus.”

(Keble)

O apóstolo Paulo orienta que o amor cristão elimine o orgulho e a presunção. O nosso modelo é o Senhor Jesus, que Se humilhou, antes que fosse exaltado (Fp 2.2-5). O próprio Jesus foi quem disse: “aprendei de mim, porque sou manso e humilde de coração” (Mt 11.29).

É um perigo para o cristão começar a se comparar com os seus irmãos e julgar-se melhor. Muitas vezes, os que querem se mostrar “mais espirituais” são os mais orgulhosos e quase nunca aceitam a orientação de seus líderes. O final é sempre a queda espiritual e a divisão da igreja.

“Temível é aquela atitude mental, possível até mesmo para o homem de propósitos

espirituais mais intensos, que supõe que nada mais tem para aprender.”

(Champlin)

O cristão não deve se ensoberbecer, pois Cristo convoca para amar e o amor não ensoberbece (1Co 13.4). Pelo contrário, se há algum motivo para se gloriar, é no Senhor (Sl 44.8; Jr 9.24; Rm 5.11, 1Co 1.31; Gl 6.14).

Conclusão

Admoestações à unidade, humildade e compreensão compassiva e advertência contra o orgulho não estão fora de propósito quando se fala da tribulação presente e da esperança que triunfa sobre a tribulação; as palavras de Paulo à igreja de Filipos, que experimentava aflições, o demonstram (Fp 1.29-2.4; cf. 2.14-18; 4.2). A tribulação que atinge a todos e o prospecto do mesmo martírio não garantem por si só união e humildade na igreja atribulada. Realmente, Romanos 12.16-17 parece ser um comentário do pensamento expresso em Filipenses 4.5: “Seja a vossa moderação conhecida de todos os homens”. Paulo roga aos cristãos de Filipos que deixem todos ver neles, tanto amigos como inimigos, a igreja perseguida, o comportamento digno de reis, que advém da consciência que se tem da própria força. A força da igreja reside em sua esperança. Paulo apresenta o motivo e a dinâmica para esta serena moderação nas palavras: “Perto está o Senhor” (Fp 4.5).

6

Vencendo com o bem

Pr. Luiz César Nunes de Araújo

texto básico	Romanos 12.17-21
texto devocional	Mateus 5.38-48
versículo-chave	Romanos 12.17

“Não torneis a ninguém mal por mal; esforçai-vos por fazer o bem perante todos os homens”

Você será despertado para o fato de que a ética cristã deve direcionar o comportamento do crente em relação ao não crente.

leia a Bíblia diariamente	
seg	Ef 2.13-22
ter	Mt 5.38-48
qua	2Co 5.18-21
qui	Mt 18.15-20
sex	1Co 13.1-13
sáb	Ef 4.1-31
dom	Rm 12.1-8

Nos versículos do texto básico da nossa lição, o apóstolo Paulo intensifica seu esforço em ensinar aos romanos a maneira cristã de tratar as pessoas que estão fora da comunidade cristã. Ele está interessado no testemunho dado ao mundo pelos cristãos, mesmo em meio a sofrimentos. Se os cristãos apresentam o corpo a Deus como sacrifício vivo, santo e agradável (Rm 12.1), apresentarão ao mundo um testemunho nobre – não um testemunho passivo, mas ativo, que demonstra claramente um comportamento comprometido com a salvação dos pecadores. As nossas obras testemunham tanto quanto a nossa pregação.

Vejamos algumas maneiras positivas de reagir diante da perseguição e do sofrimento.

I. Pagando o mal com o bem

(Rm 12.17, 21)

"Abster-se do mal é serviço de um monge, lutar e vencer é tarefa de um crente."

(Champlin)

O apóstolo Paulo está em perfeita sintonia com o Espírito de Cristo quando orienta os romanos a que reajam positivamente diante do mal. Pois Jesus, contrariando a lei dos anciãos, ordenou que os inimigos devem ser amados e receber a nossa oração (Mt 5.43-44). O amor cristão deve suplantar o mal e vencê-lo com o bem (v.21). Jesus nos deu o exemplo de como cumprir essa

ordem tão difícil. Na cruz, Ele orou apaixonadamente pelos que O matavam (Lc 23.33-34).

Estêvão teve uma atitude parecida quando morria apedrejado (At 7.60), e isso impressionou o apóstolo Paulo quando ainda era perseguidor da igreja (At 8.1; 22.20). Era como “brasas vivas” incomodando a sua consciência (Rm 12.20). De fato, o amor não se ressente do mal (1Co 13.5).

As pessoas podem nos prejudicar, no entanto devemos suportar tudo pacientemente. Assim, o Senhor Jesus, Cabeça da igreja, terá toda a liberdade de juntar-Se aos Seus servos nos momentos de sofrimento (At 9.5).

O apóstolo ensina que dar pão e água ao inimigo é um testemunho contundente que provoca o seu espanto e o sensibiliza profundamente (Rm12.20). Sua consciência é tocada, e ele fica inclinado à mudança de atitude e ao arrependimento. “O bem é um fogo mais quente que o mal” (Champlin).

aplicação

Que as nossas atitudes sejam como um reflexo do caráter de Cristo, que garante v

Devemos procurar levar uma vida reta, honesta e cheia de justiça, como se Cristo estivesse vivendo por nosso intermédio. Se mesmo vivendo assim viernos a adversidade, devemos enfrentá-la e vencê-la com um comportamento digno de filhos de Deus.

II. Buscando a paz com todos os homens

(Rm 12.18)

"O crente deve fazer o máximo ao seu alcance para evitar despertar o ressentimento ou a ira

de quem quer que seja, mas igualmente não deve irar-se por sua vez,

mesmo quando lhe seja impossível não causar ofensa."

(John Knox)

Os seguidores de Jesus são chamados à paz. Eles têm a paz com Deus (Rm 5.1), paz interior (Fp 4.7), paz com os irmãos (Ef 2.15-16) e são chamados para fazerem a paz (Mt 5.9). A nós é dado o ministério da reconciliação (2Co 5.18).

"Os servos de Deus renunciam à violência e ao tumulto. O Reino de Cristo é reino de paz, e a Igreja de Cristo saúda com votos de paz. Os discípulos de Cristo preferem sofrer a machucar o outro, mantendo comunhão onde outros a

rompem, renunciando à autoafirmação e suportando, em silêncio, o ódio e a injustiça. Assim vencem o mal pelo bem. A maior paz, porém, encontrarão ao enfrentar em paz os maldosos, dispondo-se a deles sofrer padecimentos” (Dietrich Bonhoeffer).

Contudo, muitas vezes, pessoas irritadas e combativas assumem o controle de ministérios, igrejas e denominações, e acham que estão fazendo bem à causa evangélica. Porém provocam divisões entre indivíduos e igrejas. A ordem bíblica é que lutemos pela paz até onde ela estiver ao alcance e possibilidade.

O Espírito Santo ajuda o cristão nessa tarefa, fazendo-o frutificar (Gl 5.22). É bom lembrar, no entanto, que muitas vezes para se obter a paz é preciso passar pelo processo de confronto, discussão e reconciliação, sem os quais a paz não teria sustentação (Mt 18.15-20). Nesse caso, a paz não dependeria somente de uma das partes. Fora isso, o crente deve fazer tudo quanto está ao alcance para preservar a paz, dentro e fora da igreja.

III. Não buscando a vingança

(Rm 12.19)

“Olho por olho, e o mundo acabará cego.”

(Gandhi)

Romanos 12.18 orienta-nos a, se possível, viver em paz com todos os homens. Todavia, caso isso não seja possível, não estamos liberados para nos vingar de ninguém!

O orgulho e o egoísmo tentam nos empurrar para a vingança contra quem nos causa males. Faz parte da natureza humana retribuir igual ou mais fortemente o mal praticado contra nós. Desde o início do mundo, os primeiros homens assim agiam (Gn 4.23). A lei de Cristo, no entanto, prescreve a alternativa à vingança (Mt 5.38-42).

Não é mais “olho por olho”, pois a justiça do amor, que foi cumprida inteiramente na cruz, deve ser o nosso padrão.

O apóstolo nos orienta a substituir a vingança pelo descanso em Deus, que retribui às pessoas os males que elas praticam (Sl 37.1-11; Rm 12.17-20).

A “ira” descrita em Romanos 12.19 é uma referência clara à “ira de Deus”, a quem cabe exclusivamente a vingança (Dt 32.35).

Observemos que a orientação de todo o parágrafo não é para que fiquemos desejando que Deus puna os que nos fazem mal, mas que o amor de Cristo nos alcance, fazendo-nos amar até mesmo os inimigos, pois o amor tudo sofre, tudo crê, tudo espera, tudo suporta (1Co 13.5,7). A vingança deve ser substituída por atitudes de serviço generoso prestado ao inimigo - esse é o preço que o discípulo de Cristo tem que pagar.

Conclusão

Esses versículos nos mostram o alto padrão da vida cristã autêntica. Notemos que não há nenhuma ordem aqui que Cristo não tenha cumprido. Ele é o nosso modelo. Olhando para Ele, obteremos os recursos espirituais para essa árdua tarefa. Oferecer o corpo como sacrifício vivo, santo e agradável a Deus (Rm 12.1) é uma experiência maravilhosa, que nos dará condições de colocar em prática o restante do parágrafo (Rm 12.2-21). Só quem se entrega completamente pode experimentar tal padrão de vida cristã. Somente olhando para os propósitos de Deus para a nossa vida é que seremos capazes de oferecer esse sacrifício de nós mesmos. É um grande desafio que cabe a nós aceitar.

7

A ética da santidade

Pr. Marcos Vinícius de Oliveira

texto básico	1Pedro 1.13-16
texto devocional	Gálatas 5.22-26
versículo-chave	1Pedro 1.16

“sedes santos, porque eu sou Santo”

Você entenderá a necessidade de lutar para ter uma vida de santidade verdadeira.

leia a Bíblia diariamente	
seg	Is 6.1-5
ter	Sl 19.1-14
qua	Sl 93.1-5
qui	Rm 12.9-21
sex	1Jo 4.7-21
sáb	Rm 6.15-23
dom	Rm 12.1-2

Asantidade tem por finalidade revelar aos homens o seu estado real, pecaminoso, e propor o padrão que deve seguir.

“A qualidade ética da santidade, entretanto, é o aspecto sob o qual o termo é aplicado mais comumente para Deus. Santidade é um termo que expressa a excelência moral de Deus, bem como Sua liberdade de toda e qualquer limitação em sua perfeição moral. Nesse sentido exaltado, somente Deus é santo, portanto é o padrão da pureza ética de suas criaturas” (Novo Dicionário da Bíblia).

Estudaremos três padrões da ética da santidade na vida do cristão.

I. Como adquirir o padrão de santidade

1. Santificado pela palavra de Deus

a. A Palavra tem efeito purificador e lava (Is 4.4; Ef 5.26).

b. A Palavra tem efeito restaurador (Sl 19.7-14). Precisamos ser restaurados para uma vida de santidade verdadeira.

2. Santificado pelo sangue de Jesus

a. Usufruir da nova aliança (Mc 14.24). Isso vai produzir uma vida de dedicação e santidade.

b. Ter confiança (Hb 10.19) para entrar na presença do Senhor. O sangue de Jesus é a base de toda nossa pureza e vitória.

3. Santificado pela Trindade

a. Deus, o Pai (1Ts 5.23). Deus é quem nos santifica em tudo (Hb 12.10).

b. Jesus Cristo, o Filho (Hb 2.11). Cristo, quando padeceu e morreu por nós, tinha em mente a nossa santidade Nele.

c. Espírito Santo (Ef 4.30). O Espírito Santo habita em nosso ser para nos conduzir a uma vida de santidade, e ser sensíveis a Ele.

aplicação

Você tem tido uma vida de santidade? Pois o Deus Trino e Uno opera em favor d

II. O padrão de santidade que Deus espera na vida do cristão

1. Separar-se para Deus

A razão por que Deus não usa certas pessoas está no fato de que não se separam para Ele. Não obedecem à palavra de Deus – “Retirai-vos do meio deles, separai-vos, diz o Senhor; não toqueis em coisas impuras; e eu vos receberei, serei vosso Pai, e vós sereis para mim filhos e filhas” (2Co 6.17-18).

2. Dedicar-se a Deus

Dedicação é algo que fazemos ao oferecer nossa vida a Deus como sacrifício agradável que é vivo e santo. Isso é um ato voluntário (Rm 12.1).

3. O passo da fé em Deus

Quando a nossa dedicação a Deus for realidade indiscutível, a fé não encontrará impedimentos para uma vida de santidade (At 26.18).

III. O Padrão de integridade que Deus espera na vida do cristão

A integridade está relacionada com a questão da verdade, que reflete a santidade de Deus.

1. Autenticidade

A integridade básica da santidade é ser autêntico e santo, isto é, estar em contraste com muitos que vivem em nosso redor, pois não devemos nos conformar com este século (Rm 12.2).

aplicação

Você é um cristão verdadeiro ou vai ouvir estas palavras de Jesus: “Não te conhe

2. Veracidade

É na prática de dizer a verdade em quaisquer situações que Deus espera do cristão comportamento exemplar (2Co 4.2). Temos um adversário, o pai da mentira, que luta para que mintamos e, assim, entristeçamos o Deus Santo.

aplicação

Você tem de fato falado a verdade ou o inimigo o tem conduzido a falar a mentira

3. Fidelidade

Leva à pratica da verdade, pois você é dominado pelo Espírito Santo (Rm 6.11).

aplicação

Sua vida é de integridade diante de Deus? Você é um ser autêntico? Fala e pratica

IV. O padrão indispensável de todo verdadeiro cristão

(Gl 5.22-26)

O fruto aparece na vida do cristão de modo natural e não forçado, porque não é alguma coisa que se fabrique.

1. Amor

É a base onde são desenvolvidas todas as demais qualidades espirituais, pois é a fonte de todas as qualidades do cristão. Sem amor tudo que é feito não tem valor (1Co 13.3).

aplicação
Você pratica o que Deus pede por amor a Ele?

2. Pureza

É a crucificação que o cristão faz de sua velha natureza de forma impiedosa, sabendo que será dolorosa e decisiva, para que o fruto seja real na sua vida, de maneira pura, para que assim viva e ande no Espírito (Rm 6.1-11; 1Ts 4.3-7).

aplicação

Esta pureza faz parte da sua vida cristã?

3. Longanimidade

É a parte do fruto do Espírito que leva a nos relacionarmos com o próximo de maneira amorosa, bondosa, gentil, independente de provocações, afrontas, etc. Agindo assim, evidenciará a pessoa restaurada por Deus, um filho, já que Deus é longânimo (Cl 3.12).

aplicação

Como você tem olhado para o próximo? Procurando compreender suas atitudes?

4. Mansidão

É a prática de uma vida de humildade, onde é reconhecido o valor alheio, com a compreensão de que não somos superiores. Cristo é nosso exemplo de vida prática de humildade e mansidão (Fp 2.5-8).

aplicação

Você é um servo ou só gosta de ser servido?

5. Domínio próprio

O controle dos desejos e das vontades é a nossa maior luta. Cristo demonstrou de forma muito clara exemplo de domínio próprio, porque veio a este mundo para fazer a vontade do Pai, e não a Sua própria vontade (Jo 6.38).

aplicação

Você está hoje aqui para fazer a sua vontade ou a vontade de Deus?

Conclusão

Deus espera que Seus filhos tenham um padrão santo de vida. Que o seu procedimento venha a ser santo, e que as pessoas vejam a santidade de Cristo Jesus em você! Que a partir deste dia, você seja autêntico e a santidade do Senhor venha a fazer parte de sua vida!

aplicação

Como tenho participado do corpo de Cristo? Sou um instrumento autêntico de De

8

A ética do culto

Pr. Marcos Vinícius de Oliveira

texto básico	Salmo 100.1-5
texto devocional	João 4.19-26
versículo-chave	João 4.24

“Deus é espírito; e importa que os Seus adoradores O adorem em espírito e em verdade”

Você aprenderá como deve cultuar a Deus de forma verdadeira e real.

leia a Bíblia diariamente	
seg	Sl 95.1-11
ter	Sl 96.1-13
qua	Sl 98.1-9
qui	Sl 99.1-9
sex	Sl 100.1-5
sáb	Jo 4.19-26
dom	Rm 12.1-2

Oculto é a mais expressiva manifestação humana de aproximação com Deus. O culto é a comunhão do homem com Deus em Cristo.

Deus tem concedido ao homem o privilégio de cultuar seu Criador e Redentor. Mas em Hebreus 10.22 Deus instrui quanto à maneira como devemos entrar em Sua presença – “aproximemo-nos, com sincero coração, em plena certeza de fé, tendo o coração purificado”. Hebreus 10.25 também adverte quanto à necessidade de cultuar a Deus na igreja juntamente com os irmãos na fé – “não deixemos de congregar-nos, como é costume de alguns”.

Vamos refletir sobre três propósitos do culto de adoração.

I. Celebrar a Deus

(Sl 100.1)

1. Conhecimento de Deus

Para poder cultuar a Deus, precisamos saber quem Ele é. Ele é o grande Deus Criador (Sl 100.3); Ele é o único e verdadeiro Deus “porque todos os deuses dos povos não passam de ídolos” (Sl 96.5). Precisamos conhecer Deus na Sua grandeza, no Seu poder, na Sua santidade, na Sua bondade, na retidão e na providência em favor dos homens.

aplicação

Qual é o seu conhecimento de Deus? Assim será o seu culto.

2. Relacionamento íntimo

Chegamos a conhecer a Deus por meio de uma vida de oração onde o coração está aberto, receptivo para que tomemos consciência de quem Ele é.

Ele nos conhece tão bem! De fato, no Seu livro “foram escritos todos os meus dias, cada um deles escrito e determinado, quando nem um deles havia ainda.” Podemos fazer ecoar as palavras do salmista quando diz no Salmo 142.2 – “Derramo perante ele a minha queixa, à sua presença exponho a minha tribulação”. Nesse momento também damos a Deus abertura para que Ele fale conosco pela Sua Palavra (Sl 1.2).

aplicação

Esse tem sido o seu relacionamento com Deus?

3. Reconhecimento da pureza de Deus

Deus disse: “Sede santos, porque eu sou santo” (1Pe 1.16). Deus é santo (Sl 99.9c), por isso Ele exige vida de santidade dos Seus servos – os quais devem viver diante Dele, confessando e arrependendo-se dos pecados cometidos, reconhecendo que não são merecedores da graça de Deus. Mas também Ele exige que, ao cultuá-Lo, tenham mãos limpas e coração puro (Sl 24.4). Nas bem-aventuranças, Cristo ensina: “felizes os limpos de coração, porque verão a Deus” (Mt 5.8).

aplicação

A confissão e arrependimento fazem parte de sua vida diária?

II. Servir

(Sl 100.2-3)

Como crentes, temos o privilégio de servir ao Senhor, cultuando-O (Cl 3.23-24). Infelizmente, nem sempre sentimos prazer em servir ao Senhor no culto, e, às vezes, o culto se torna uma mera obrigação.

1. Ato de doação

O ato de dar, no âmbito da teologia, significa:

a. Presentear a Deus com sua vida;

b. Entregar-se ao Senhor;

c. Deixar que Ele dirija tudo o que lhe deu, pois tudo pertence e deve ser dedicado a Ele;

d. Estar pronto a produzir o que Deus deseja de sua vida para a glória Dele (Rm 12.1).

Oferto o meu tempo, o meu talento, os meus recursos a Deus?

2. Ato de sacrifício

Esse ato diz respeito a abrir mão de sonhos e desejos, para haver melhor empenho na dedicação ao reino de Deus e na luta em prol do crescimento da igreja e da expansão do evangelho, conforme Mateus 6.33.

aplicação

Esse ato tem sido vivenciado por você?

3. Ato de expressão

É representar a Pessoa de Deus no mundo, de forma prática, pelo falar, agir, pensar, vestir, etc., seguindo os passos de Jesus (1Pe 2.21).

aplicação
Como você tem representado Deus perante a sociedade?

4. Ato de reverência

Significa respeitar a pessoa de Deus, Sua obra, Sua Palavra, assim como o irmão e o próximo. Jesus disse: “Deus é espírito; e importa que os seus adoradores o adorem em espírito e em verdade” (Jo 4.24).

aplicação

Você tem reverenciado verdadeiramente a Deus?

III. Entrar na presença de Deus

(Sl 100.4-5)

Na nova aliança, temos o privilégio de “entrar no Santo dos Santos, pelo sangue de Jesus, pelo novo e vivo caminho que ele nos consagrou pelo véu, isto é, pela sua carne” (Hb 10.19-20). Que privilégio!

Em Hebreus 10.25 temos uma advertência: “não deixemos de congregar-nos, como é costume de alguns”.

aplicação

Você tem prazer em estar semanalmente com seus irmãos para cultuar a Deus? Q

Colossenses 3.16 nos lembra que devemos prestar culto ao Senhor cantando louvores e estudando a Sua Palavra.

Todos os atos no culto público devem ser feitos empregando nossa mente e nosso espírito, como o apóstolo Paulo ensina em 1Coríntios 14.15 – “Orarei com o espírito, mas também orarei com a mente; cantarei com o espírito, mas também cantarei com a mente”.

Será que o incrédulo, ao entrar em sua igreja no momento do culto, percebe que os crentes estão adorando ao Senhor em espírito e em verdade, e é levado a adorar a Deus também, “testemunhando que Deus está, de fato, no meio de vós” (1Co 14.25)?

Quero que você pense porque, às vezes, você entra para cultuar e adorar a Deus e tem reações como as seguintes em relação ao culto.

“Foi dez! Aquele conjunto é excelente e parece ser profissional.”

“Foi médio! Não gosto muito daquele dirigente do louvor, mas a mensagem foi boa!”

“Foi ótimo! Tudo que foi dito foi direto para o meu irmão; tudo que ele precisava ouvir!”

“Foi muito ruim! Só cantaram hinos e cânticos antigos e o pastor falou muito!”

Conclusão

Como tem sido sua ação no culto de adoração? Como você reage a ele? Deus deseja Seu povo em comunhão, prestando-Lhe culto.

Devemos lembrar que o Senhor requer ordem no culto, “porque Deus não é de confusão, e sim de paz” (1Co 14.33). A maneira como adoramos a Deus revela muito sobre o conceito que temos Dele.

9

A relevância dos Dez Mandamentos na igreja

Pr. Paulo Chaves Barbosa

texto básico	Êxodo 19.1-20.17
texto devocional	Salmo 19.1-14
versículo-chave	Êxodo 19.5

“Agora, pois, se diligentemente ouvirdes a minha voz e guardardes a minha aliança, então, sereis a minha propriedade peculiar dentre todos os povos; porque toda a terra é minha”

Você entenderá a atualidade dos dez mandamentos, pois o propósito de Deus para Seu povo não mudou.

leia a Bíblia diariamente	
seg	Js 1.1-9
ter	Dt 7.1-11
qua	Dt 26.16-19
qui	Dt 30.15-20
sex	2Tm 4.1-5
sáb	2Tm 4.6-16
dom	2Ts 2.13-17

Quando pensamos nos dez mandamentos, imaginamos logo um fato restrito ao passado, no Antigo Testamento, e que nada tem a ver com o cristianismo da era da graça.

Roderich Meredith disse que há todo tipo de pensamento sobre os dez mandamentos: todos gostam do filme, alguns os amaldiçoam, outros os quebram e outros os chamam de “lei impossível”.

Fazemos aqui três considerações sobre os dez mandamentos.

1. São palavras de Deus. Moisés transmitiu, mas o Doador e Autor é Deus (Êx 20.1-2).

2. Apresentam a aliança de Jeová com Israel. Deus está fazendo uma aliança com Seu povo e deixa mandamentos que deverão ser observados (Êx 19.5).

3. Não são uma imposição autoritária, mas produto de uma aliança que foi aceita alegre e voluntariamente (Êx 19.8).

Os mandamentos traçam uma linha de relacionamento vertical (homem Deus) e outra horizontal (homem homem). Nas palavras de Lutero: “Os dez mandamentos formam um compêndio de doutrina divina, o qual nos ensina como devemos nos comportar a fim de que a nossa vida agrade a Deus”.

I. O homem em relação a Deus

(Êx 20.3-11)

Os quatro primeiros mandamentos tratam do relacionamento comprometido do homem com Deus. Esses revelam quatro características de Deus, segundo Paul Hoff, que deverão ser observadas.

1. A unicidade de Deus

(Êx 20.3)

Deus chama a atenção para Si mesmo em primeiro lugar, proibindo a idolatria. O homem não pode adorar outros deuses, pois não existem; eles são como o vento (Os 12.1).

aplicação

Sempre que qualquer pessoa ou objeto toma o primeiro lugar em nossa vida – o l

2. A espiritualidade de Deus

(Êx 20.4-6)

Ao homem é proibido adorar imagens, como também prestar culto ao verdadeiro Deus de forma errada (Jo 4.24). Esse segundo mandamento não foi dirigido aos deuses pagãos das outras nações (isso foi proibido no primeiro), mas contra a falsa noção de adoração a Deus que pudesse levar Israel a representá-Lo por uma imagem, conforme o costume das nações ao redor (Dt 4.15-19).

3. A santidade de Deus

(Êx 20.7)

Esse mandamento proíbe o uso do nome de Deus de maneira leviana, insincera. O nome de Deus revela o Seu caráter. Jesus deu ênfase à atitude de reverência que devemos ter com o nome de Deus, na oração que ensinou: “santificado seja o teu nome” (Mt 6.9).

aplicação

Como ficam aquelas expressões corriqueiras aprendidas e usadas no dia a dia e q

4. A soberania de Deus

(Êx 20.8-11)

Um dia da semana pertence a Deus. Reconhece-se a soberania de Deus guardando o dia do repouso. Santificar significa separar para o culto e serviço.

Esses quatro mandamentos formam a parte vertical do pacto que trata do relacionamento do homem e Deus.

II. O homem em relação ao homem

(Êx 20.12-17)

Deus chamou Israel para ser propriedade peculiar, reino de sacerdotes e nação santa dentre todos os povos (Êx 19.5-6). Era preciso garantir que como nação pudessem desenvolver relacionamentos humanos.

1. Respeito aos representantes de Deus

(Êx 20.12)

Se o homem não honrar aos pais, tampouco honrará a Deus, pois essa é a base de

respeito a toda autoridade (Ef 6.2,3). A observância dessa lei é tão importante que bênçãos são prometidas a todos quantos a guardem.

2. A vida humana é sagrada

(Êx 20.13)

É a proibição do homicídio. Como quem nos fez, Deus conhece a maldade inata em nosso coração. Deus freia essa maldade e nos exorta ao respeito e à integridade física alheios. Mas não esqueça a palavra de João: “Todo aquele que odeia a seu irmão é assassino” (1Jo 3.15).

3. A família é sagrada

(Êx 20.14)

Esse mandamento protege o matrimônio por ser instituído por Deus (Lv 20.10). Jesus, ao interpretar esse mandamento, nos mostra que a lei de Deus tem a ver com os pensamentos e intenções do coração.

aplicação

A lei de Deus não somente exige castidade, pureza do corpo, como também purez

É interessante notar que quando se trata dos mandamentos horizontais (homem homem) a ordem é primeiro aos de casa, depois aos de fora.

4. Respeito à propriedade alheia

(Êx 20.15)

Há várias maneiras de violar esse mandamento: não pagar suficientemente ao empregado; não fazer o trabalho correspondente ao salário combinado; cobrar demasiado, além de roubar. Isso é desrespeito à integridade alheia (Ef 6.5-9).

aplicação

Como tem sido nosso comportamento no trabalho em relação ao horário (chegar

5. A justiça

(Êx 20.16)

O testemunho falso, sem valor e sem fundamento, constitui uma das formas mais seguras de arruinar a reputação de uma pessoa (Pv 6.16-19).

aplicação

É muito importante tomar cuidado quando somos solicitados a dar opinião a resp

6. O controle dos desejos

(Êx 20.17)

“Não cobiçarás” é a manifestação plena do caráter ético do Decálogo. A cobiça é o ponto de partida de muitos pecados contra Deus e contra os homens. Cobiça é o desejo imoderado e violento de possuir alguma coisa: não se trata de simples desejo, mas do desejo que é sensual e não restrito ou disciplinado. Paulo faz referência a esse mandamento, em Romanos 7.7, não apenas como “autobiografia” – é a “biografia” de todo ser humano. Foi esse pecado interior, em parte, que levou à queda Adão e Eva.

aplicação

Deus preservou Seu povo nos Dez Mandamentos uma linha perfeita de relação ve

III. Jesus e os dez mandamentos

(Mt 5.17)

1. Jesus não veio revogar ou invalidar a lei, pelo contrário, veio cumpri-la de acordo com o propósito eterno de Deus. Jesus ampliou a lei, mostrando os motivos íntimos e as atitudes do coração que conduzem o homem a quebrar os mandamentos (Mt 5.21-30). “ Mas eu vos digo ”.

2. Jesus condenou o legalismo dos fariseus que transformaram a lei num amontoado de proibições da qual eles mesmos estavam isentos (Lc 11.46) e que dela se utilizavam em benefício próprio em nome da justiça (Mt 5.20).

O grande erro dos judeus foi tirar o coração da lei. Tornaram-se legalistas ao extremo e se esqueceram da pessoa.

Conclusão

É importante notar que em todo o livro do Êxodo Deus trata o povo como “vós”, mas, ao falar o decálogo, o pronome é “tu”. A sede da moral e da religião está no indivíduo. A moral brota dentro da pessoa. Jesus disse que o que contamina o homem é o que vem do coração (Mt 15.18). Baseados no exposto podemos perguntar:

•como cada um de nós tem reagido aos mandamentos de Deus?

•será que a forma de amar o próximo tem evidenciado o nosso amor a Deus?

10

Com Deus não se brinca

Pr. Paulo Chaves Barbosa

texto básico	Deuteronômio 5.1-15
texto devocional	Jeremias 2.1-8
versículo-chave	Deuteronômio 4.24

“Porque o Senhor, teu Deus, é fogo que consome, é Deus zeloso”

Você aprenderá que Deus é perfeito e sério em todos os Seus propósitos.

leia a Bíblia diariamente	
seg	Dt 4.1-5
ter	Dt 4.6-14
qua	Dt 4.15-24
qui	Dt 4.25-31
sex	Dt 4.32-40
sáb	Mt 22.34-40
dom	Mt 5.17-20

É interessante como Deus começa o diálogo com Moisés para instituir os Seus mandamentos. Observemos alguns fatos.

1. “ Tendes visto o que fiz aos egípcios ” (Êx 19.4).

2. “ Vai ao povo e purifica-o hoje e amanhã… porque no terceiro dia o Senhor, à vista de todo o povo, descerá sobre o monte Sinai ” (Êx 19.10-11).

3. “ Guardai-vos de subir ao monte… todo aquele que tocar o monte será morto ”(Êx 19.12).

Isso posto, Deus declara finalmente: “Eu sou o Senhor, teu Deus” (Êx 20.2). Justificadas estão todas as imposições!

Deus propõe tomar a Israel como Sua propriedade peculiar diante de todos os povos (Êx 19.5), se a nação se comprometer a preservar em si mesma quatro características particulares de Deus.

I. A exclusividade de Deus

(Êx 20.3; Dt 5.7)

“Não terás outros deuses

diante de mim.”

Os deuses são ídolos, e os ídolos não passam de imagens feitas por mãos humanas (Sl 96.5; 135.15; At 17.29; Ap 9.20).

Martinho Lutero disse que as pessoas que confiam na sua grande habilidade, inteligência, poder, misericórdia, amizade e honra próprios têm um deus que não é verdadeiro. Ter um deus significa possuir alguém em quem o coração confie por inteiro.

aplicação

Não é incomum ver-se cristãos mais apaixonados pelo Flamengo ou pelo Corínth

II. A incomparabilidade de Deus

(Êx 20.4; Dt 5.8)

“Não farás para ti imagem de escultura, nem semelhança alguma do que há em cima no céu, nem embaixo na terra, nem nas águas debaixo da terra.”

1. “ Não farás para ti imagem de escultura . ”

A idolatria rebaixa o Senhor, traz o Criador ao nível da criatura. Deuteronômio 5.9 nos mostra a reação de Deus à prática da idolatria. Há pelo menos três razões fundamentais para a proibição das imagens.

a. A revelação de Deus é por palavras e não por formas (Dt 4.12-15) . A ênfase é no conhecimento e não nos sentidos. Em outras palavras, o povo ouviu a voz de Deus, mas jamais O viu, nem poderá vê-Lo (Jo 1.18; 1Tm 6.16).

b. Deus requer especial atenção ao Seu nome e não à Sua imagem (Dt 12.5) . O caráter de Deus está bem expresso em Seu próprio nome, até porque a Escritura O caracteriza como “ Deus invisível ” (1Tm 1.17).

c. A idolatria é um absurdo . É um desrespeito à inteligência adorar alguma coisa feita por nós mesmos (Is 44.6-20). Paulo disse aos religiosos atenienses que “ o

Deus que fez o mundo e tudo que nele existe, sendo ele Senhor do céu e da terra, não habita em santuários feitos por mãos humanas ” (At 17.24). E mais: “ Não devemos pensar que a divindade é semelhante ao ouro, à prata ou à pedra, trabalhados pela arte e imaginação do homem ” (At 17.29).

Com certeza, o Criador tem mais valor do que a criatura (Hb 3.3).

2. “ Não as adorarás, nem lhes darás culto”

A proibição da adoração às imagens é justificada pelo próprio Deus: “Porque eu sou o Senhor, teu Deus, Deus zeloso” (Êx 20.5). A palavra zeloso é mais apropriada, pois o termo ciumento tem sentido negativo hoje em dia. “Não se trata de intolerância, mas de exclusividade, fruto tanto da singularidade de Deus (que não é um entre muitos) e a singularidade de Seu relacionamento com Israel. Marido algum que ame sua esposa toleraria reparti-la com outro homem; da mesma forma, Deus jamais repartiria Israel com um rival” (Êxodo – introdução e comentário, Alan Cole, p.150).

“Até a terceira e quarta geração”(Êx 20.5). Essa expressão é puro hebraísmo (algo próprio da língua hebraica) que indica continuidade. Cole afirma que não deve ser tomada em sentido matemático literal. “Aquele que desobedece a lei de Deus numa geração fatalmente irá afetar as gerações futuras. O que chamamos de resultados naturais (escravidão, exploração, imperialismo, poluição, imoralidade, violência, etc.) são apenas uma expressão da lei de Deus em atividade, punindo a desobediência à Sua vontade” (Cole, ob. cit., p.150).

Fazer e adorar ídolos são atos muito mais sérios do que pensamos. As consequências sobre a pessoa, a família, cidade e até país são maiores do que se pode calcular. Daí a recomendação do apóstolo: “Fugi da idolatria” (1Co 10.14).

III. A santidade de Deus

(Êx 20.7; Dt 5.11)

"Não tomarás o nome do Senhor, teu Deus, em vão."

Observe a ênfase: "o Senhor não terá por inocente o que tomar o seu nome em vão". A reverência dos hebreus para com o nome YHWH (tetragrama sagrado) era tão grande que os copistas usavam uma pena especial para escrevê-lo. Como cristãos, carregamos o nome de Cristo (At 11.26), nome que está sobre todo o nome (Fp 2.9). Ser cristão é ter o caráter de Cristo, revelado em Seu nome. Mas existem ocasiões em que tomamos o Seu nome em vão.

1. Quando O louvamos com os lábios e não com o coração (Mt 15.7,8).

2. Quando assumimos o nome e não atentamos para a responsabilidade do compromisso.

3. Quando pensamos de nós acima do que convém (Rm 12.3; 1Co 10.12).

4. Quando professamos fé e não exibimos frutos dignos dessa fé.

5. Quando oramos sem crer no que dizemos. Transformamos a oração numa reza evangélica.

aplicação

As pessoas que lidam com o sagrado e com as coisas sagradas, com muita frequê

IV. A autoridade de Deus

(Êx 20.8 e Dt 5.12)

“Lembra-te do dia de sábado, para o santificar.”

O exemplo do próprio Deus Pai é lembrado – Deus descansou no sétimo dia. Na lei mosaica o número 7 era repetido três vezes.

•O sétimo dia era dia de descanso obrigatório para todo homem.

•A cada sete anos a terra deveria ser poupada das plantações. Era o ano sabático (Lv 25.1-7).

•Após sete anos sabáticos (49 anos), o quinquagésimo ano era o ano de jubileu (Lv 25.8-22). Havia liberdade para os presos, retomada da terra vendida e descanso da terra (Lv 25.11-12).

E nós, evangélicos, que guardamos o domingo, que razões temos para tal comportamento?

1. A razão fundamental é que Cristo ressuscitou num domingo (Jo 20.1)

2. Cristo apareceu ressurreto aos discípulos num domingo (Jo 20.19).

3. Outra aparição aos discípulos se deu num domingo (Jo 20.26).

4. O Espírito Santo foi dado à Igreja num domingo (At 2.1).

5. A prática de se reunir aos domingos era constante na vida da igreja (At 2.14,41; 20.7; 1Co 16.2).

Infelizmente, o legalismo judaico absorveu o sentido espiritual, moral e humano do sábado e tornou-o um fardo opressor para o homem.

Scott Horrel diz que a questão não é o dia. A questão é adorar todos os dias e congregar a família em um dia.

aplicação

Usemos bem todos os dias de nossa vida; vivamos Sua presença todos os dias de

Um dia da semana pertence a Deus. Reconhece-se a autoridade de Deus guardando o dia do repouso, visto que esse dia lembra que Deus é o Criador e Sustentador, a quem devemos culto.

aplicação

Eu tenho adorado a Deus mais com a minha razão ou com a minha emoção?

Conclusão

Tudo foi planejado por Deus, pertence a Ele e é sustentado por Ele. Deus chama para Si mesmo a seriedade no Seu trato com os homens: “eu sou o Senhor, teu Deus, Deus zeloso, que visito a iniquidade… e faço misericórdia” (Êx 20.5-6).

Cada um de nós pode fazer a si mesmo as perguntas a seguir.

•Que tipo de atitudes tenho tomado em nome de Jesus, na vida diária?

11

Honrando aos pais

Pr. Paulo Chaves Barbosa

texto básico	Êxodo 20.12; Deuteronômio 5.16; Efésios 6.1
texto devocional	Deuteronômio 6.1-9
versículo-chave	Êxodo 20.12

“Honra teu pai e tua mãe, para que se prolonguem os dias na terra que o Senhor, teu Deus, te dá” .

Você entenderá que os mandamentos do Senhor continuam valendo, e que pais e filhos precisam trabalhar para o seu cumprimento.

leia a Bíblia diariamente	
seg	Lc 2.41-53
ter	2Sm 16.20-23
qua	Pv 4.1-10
qui	Pv 13.24; 19.18; 29.17
sex	1Sm 3.1-14
sáb	Cl 3.20-21
dom	Dt 6.1-9

Já observamos a estrutura do decálogo e percebemos que a primeira parte dele trata do relacionamento vertical entre o homem e Deus (Êx 20.1-11). A segunda parte trata do relacionamento horizontal entre o homem e o seu próximo, na sociedade (Êx 20.12-18).

Sempre ouvimos pela escola e pelos próprios pais o seguinte: “A educação começa em casa”. Isso é verdade. Observamos que o primeiro mandamento da segunda parte do decálogo trata do respeito aos de casa: “Honra teu pai e tua mãe” (Êx 20.12).

O quinto mandamento acentua a atitude do filho que teme a Deus, para com seus pais. O verbo hebraico para honra é o mesmo para glória. Deus deve ser honrado, isto é, deve receber a dignidade que tem; os pais têm uma dignidade que os filhos devem reconhecer.

I. O mandamento esquecido

Na época dos Dez Mandamentos, a vida era razoavelmente estável, sem grandes transformações. A sabedoria tinha muito a ver com a idade, pois com o passar do tempo a pessoa acumulava experiências de vida. Um idoso era fonte de experiência para os mais novos (Lv 19.32; 1Sm 12.2; Pv 16.31; 20.29).

Hoje, o mandamento se torna esquecido e isso por algumas razões.

1. Os filhos consideram as pessoas idosas ultrapassadas e inadequadas porque eles mesmos (filhos) acham que têm muito conhecimento intelectual.

2. A influência grega de nossa cultura, que valoriza a estética, torna as pessoas de mais idade pouco desejáveis.

3. O desrespeito às pessoas de mais idade começa pelo Estado. As aposentadorias do INSS parecem mais uma tentativa de extermínio.

4. As pessoas de mais idade têm a tendência de se fixar e guardar a sua época.

Todos esses fatores fazem com que fique esquecido o mandamento de Deus.

aplicação
Os pais devem ser honrados pelo que são e não pelo que sabem.

II. A honra praticada

O mandamento do Senhor permanece válido. Dê o devido valor a seus pais. Conceda-lhes a dignidade que devem ter.

1. Por meio da obediência

(Ef 6.1)

O nosso tempo prega a regra: “faça o que quiser”, mas Paulo diz aos colossenses que a obediência agrada a Deus (Cl 3.20).

aplicação

O exemplo maior de obediência vem do próprio Senhor Jesus que, sendo superio

E quando a obediência for para o mal? Há pais incrédulos que desencaminham seus filhos. Como fazer?

O texto de Efésios responde, usando a expressão “no Senhor” (Ef 6.1). A autoridade suprema é de Deus, e o pai é o Seu representante no lar. Daí observamos o seguinte:

a. o padrão para a vida doméstica é a vida no Senhor (Dt 6.5-7);

b. a autoridade repousa sobre a razão. Exigências irracionais, ilógicas e contra a ordem moral não devem ser cumpridas (Dt 6.20-21);

c. Quando o pai é coerente e justo, a obediência não pode ser descartada.

2. Por meio do cuidado que se deve ter com eles na velhice

Não cuidar dos pais necessitados é desonrá-los. Jesus condenou a prática do “corbã”, ou seja, a religião usada para deixar de honrar o pai e a mãe (Mc 7.11-12).

aplicação

Há muitos casos de pessoas que deixam de cuidar da família para se “dedicar ao S

III. Uma palavra aos pais

Não há como falar sobre honra aos mais velhos sem falar um pouco sobre responsabilidades dos pais, também.

Por que os pais merecem honra? Somente pelo fato de serem pais? A honra é por mérito biológico? É preciso observar alguns fatos.

1. Pais devem sustentar os filhos física, emocional e espiritualmente

Dar comida e roupa não é mais do que a obrigação dos pais. É preciso também dar educação moral e espiritual. Pais devem criar os filhos no temor do Senhor (Dt 6.6-7).

Muitos pais jogam a responsabilidade espiritual sobre a igreja e esperam que esta cuide do que é obrigação deles.

2. Pais devem disciplinar os filhos

É preciso instruir e educar os filhos para a vida. Como diz o comentarista Isaltino Gomes, existem crianças e adolescentes mal educados, sem a mínima noção de urbanidade. São selvagens com roupa de grife, geração shopping, sem nenhum respeito por nada, uma geração mal-educada.

A palavra hebraica para “vara” é a mesma para padrão. É preciso oferecer um padrão aos filhos (Pv 3.11-12; 23.13-14), como também há a hora de usar a vara.

3. Os pais precisam ser justos

Em Colossenses 3.21, Paulo aconselha que os filhos não sejam irritados pelos pais. Deus é justo. Os pais devem ser justos. Deus nunca pediu absurdo (1Jo 5.3). Os pais devem ser prudentes no exercício de suas funções.

Conclusão

O relacionamento sadio com Deus Pai e com os semelhantes está intrinsecamente ligado ao relacionamento saudável com os pais. A promessa de Deus é profunda: “para que te vá bem, e sejas de longa vida sobre a terra” (Ef 6.3).

O judaísmo sobreviveu sem templo e sem sinagoga por muito tempo, por causa da família. Caindo a família, caem outras instituições.

aplicação

Os filhos devem honrar os pais. Os pais devem ser dignos de honra.

Reflita:

•Que tipo de filho ou filha tenho sido? De que maneira tenho honrado meus pais?

•Que tipo de pai ou de mãe tenho sido? Que legado tenho deixado aos meus filhos?

12

O valor da vida

Pr. João Batista Cavalcante

texto básico	Êxodo 20.13; Deuteronômio 5.17
texto devocional	Mateus 5.21-26
versículo-chave	Mateus 5.44

“Eu, porém, vos digo: amai os vossos inimigos e orai pelos que vos perseguem”

Você será capaz de refletir de forma madura sobre o mandamento bíblico “não matarás”, não apenas entendendo o sentido original e primário do texto, mas também as implicações dele nas diversas questões éticas cristãs.

leia a Bíblia diariamente	
seg	Gn 1.27-30
ter	Sl 34.1-11
qua	Sl 34.12-22
qui	Sl 44.22-26
sex	Mt 5.21-26
sáb	1Jo 3.11-18
dom	1Pe 4.12-16

Hans Reifler inicia sua reflexão sobre o valor da vida com dados alarmantes, todos eles documentados com fontes confiáveis: “No mundo inteiro, morrem anualmente por aborto provocado tantos fetos quanto a metade da população do Brasil. Conforme dados fornecidos pela UNESCO, a cada ano suicidam-se 500.000 pessoas. Segundo a Anistia Internacional, só na década de 80 mais de 40.000 pessoas sofreram a pena de morte. Segundo o historiador Roy Medvedev, o ditador comunista Stalin exterminou pelo menos 17 milhões de pessoas por fome, expurgos sangrentos e em consequência do brutal programa de coletivização agrícola. Nos últimos anos, mais de 50.000 indivíduos deixaram a vida na guerra civil de El Salvador…”(A Ética dos Dez Mandamentos, p. 111).

Chama a atenção o fato de que os dados mencionados ainda deixam fora toda a violência urbana, seja do trânsito, seja da criminalidade descontrolada no mundo todo, e especialmente no Brasil, e toda a onda de violência entre as pessoas manifesta nos assassinatos, chacinas e toda a sorte de dano à vida humana.

Segundo a Bíblia, a vida está entre os preciosos dons que o Senhor deu à humanidade (Is 43.1,7; 44.2). Fomos criados por Ele à Sua imagem e semelhança (Gn 1.27-30) e Ele mesmo é o Dono da vida, enquanto nós somos apenas administradores dela (Dt 30.15; Sl 36.9). O plano de Deus é que não apenas tenhamos vida, mas que a tenhamos em abundância (Jo 10.10).

Vejamos alguns pontos básicos do estudo da palavra de Deus, para que sejamos ajudados no seu entendimento e em sua aplicação à nossa realidade.

I. O que diz o mandamento

Numa sentença, o texto diz apenas “não matarás”. E o que isso significa?

Devemos entender o texto como está literalmente colocado na Bíblia, ainda que o desejo de procurar todas as dimensões de sua aplicação seja muito forte. Nesse texto específico de que estamos tratando, a ideia não inclui toda forma de morte provocada, mas especificamente o assassinato.

Alan Cole lembra que o hebraico emprega principalmente duas palavras para matar, e que a palavra rasah é uma palavra relativamente rara no texto bíblico, e significa o assassinato violento de um inimigo. Assim, o mandamento distinguia entre o homicídio acidental e não premeditado do assassinato propriamente dito. A lei considerava assassinato a morte praticada com premeditação (Êx 21.13), que resultava de ódio (Nm 35.20,21;Dt 5.17), praticada com a armação de ciladas (Nm 35.20; Dt 19.11).

Havia em Israel cidades de refúgio para que suspeitos de morte pudessem encontrar proteção enquanto aguardavam julgamento. Entretanto, alguém que cometia assassinato não poderia ser recebido nelas (Dt 19.11,12), e nem mesmo o altar poderia livrá-los da morte(Êx 21.12; Nm 35.16) porque a sua ação era inaceitável perante o Senhor (Êx 21.14; Dt 19.14). Toda essa visão estava de acordo com o ensino bem inicial da Bíblia, já que o homicídio é proibido por Deus desde muito antes da lei de Moisés. Em Gênesis 9.6 temos manifestação clara da vontade de Deus: “Se alguém derramar o sangue do homem, pelo homem se derramará o seu; porque Deus fez o homem segundo a sua imagem”.

aplicação

Já que o homicídio nasce no coração humano, como podemos guardar puro o cor

II. Como a lei funcionava no Antigo Testamento

A importância de entendermos a amplitude da lei no Antigo Testamento é que na verdade essa parte da Bíblia contém uma boa variedade de mandamentos e permissões em que se pode matar alguém. Reifler lembra que a pena de morte foi permitida e sancionada por Deus nos seguintes casos:

•assassinato premeditado (Êx 21.12-14);

•adultério (Lv 20.10-21; Dt 22.22);

•sequestro (Êx 21.16; Dt 24.7);

•homossexualismo (Lv 20.13);

•incesto (Lv 20.11);

•bestialidade (Êx 22.19);

•desobediência aos pais (Dt 21.18-21);

•ferir ou amaldiçoar os pais (Êx 21.15);

•falsas profecias (Dt 13.1-10);

•blasfêmia (Lv 24.10-16);

•profanação do sábado (Êx 35.2);

•sacrifício a falsos deuses (Êx 22.20).

Há ainda textos em que o Senhor ordena a morte. Um exemplo está em Josué 7.25 (apedrejamento de Acã e sua família). No caso dos amalequitas (1Sm 15), Saul foi condenado por Deus porque não obedeceu ao Senhor, matando realmente todo o povo, e Samuel, o profeta, é quem mata o rei amalequita perante todo o povo.

Ainda assim, havia absoluta consciência de que o assassinato de alguém numa situação em que se demonstrasse covardia, rancor, egoísmo e desrespeito à criatura de Deus não era permitido. Em 2Samuel 3, Davi condena veementemente a ação dos irmãos Joabe e Abisai por terem assassinado a Abner, ainda que o próprio Davi tivesse matado diversas pessoas, até mesmo na companhia de Joabe. A razão era o fato de ser Abner um homem de bem, e Joabe ter matado injustamente a Abner.

Os casos sucessivos do Antigo Testamento evidenciam que o problema estava na falta de senso de justiça, no pecado da traição e da maldade do coração humano, e não propriamente no ato de matar alguém.

Como pode um crente ser culpado de homicídio sem ter matado uma pessoa?

III. Como o mandamento é visto no Novo Testamento

A lei dizia “olho por olho, dente por dente”. Jesus declarou que não veio para abolir a lei, mas para cumpri-la. Exatamente nessa linha, a visão de justiça seca e objetiva é substituída por uma visão de amor que atinge até mesmo o inimigo, e que nem mesmo pode desejar o mal a quem quer que seja.

O texto de Mateus 5.17,21-22 deixa claro que o simples fato de, sem motivo, nos irarmos contra o irmão já nos coloca sujeitos à disciplina, e que proferir um insulto contra alguém já será motivo suficiente de sermos condenados pelo tribunal de Deus.

Os crentes são evidentemente advertidos contra o assassinato (1Pe 4.15), e também de que ódio é assassinato (1Jo 3.15). Homicídio é uma das marcas do ímpio (Rm 1.29; Is 1.15), razão pela qual os que o cometem não podem entrar no céu (Ap 22.15), e algo realmente próprio do Diabo, que é assassino (Jo 8.44).

Outra novidade no tratamento que o Novo Testamento dá ao homicídio é que os santos precisam aprender o amor, acima de tudo. O simples ódio já é visto como assassinato (1Jo 3.15). Por isso, todos precisamos nos cuidar espiritualmente

para que o pecado não tenha domínio sobre nós.

aplicação

Quais são as ações ou os sentimentos que devemos evitar com rigor para que não

Conclusão

Alguns pontos são aqui colocados para reflexão em sala de aula, tomando o mandamento em foco como ponto de partida.

Ainda que o mandamento, na forma em que está no texto de Êxodo e Deuteronômio, não seja argumento suficiente contra a pena de morte, a eutanásia e o aborto, como podemos tratar esses temas éticos à luz de toda a Bíblia?

Quais outros textos ajudam a entender esses problemas tão graves?

Considerando que evidentemente o Senhor deseja a preservação da vida “e vida em abundância”, como podemos contribuir para diminuir a violência, buscar a paz e proporcionar qualidade de vida para as pessoas ao nosso redor?

Finalmente, toda a formulação positiva do mandamento é que devemos viver em paz (Rm 12.18), amar o inimigo e orar por ele (Mt 5.44) e evitar toda a sorte de amargura, cólera, ira, gritaria, blasfêmias, e bem assim toda a malícia. No lugar desses sentimentos, devemos ter benignidade e compaixão, perdoando-nos uns aos outros como o Senhor nos perdoou (Ef 4.31-32).

13

Vivendo uma vida pura

Pr. João Batista Cavalcante

texto básico	Êxodo 20.14;
texto devocional	Mateus 5.27-32
versículo-chave	Mateus 5.28

“Eu, porém, vos digo: qualquer que olhar para uma mulher com intenção impura, no coração, já adulterou com ela”

Você ficará alerta para os perigos de envolvimento com adultério, inclusive as implicações das atitudes que geralmente conduzem as pessoas ao pecado nessa área da vida.

leia a Bíblia diariamente	
seg	Mt 12.33-37
ter	1Co 6.9-11
qua	Tg 1.12-15
qui	Gn 39.7-12
sex	Pv 5.1-13
sáb	Pv 5.14-23
dom	Rm 7.14-25

De vez em quando somos informados de lamentáveis fatos envolvendo líderes evangélicos em histórias de adultério. Esses acontecimentos tornam o assunto não apenas extremamente necessário como bastante delicado.

A grande questão na lição é que o problema enfrentado pelo povo de Deus (inclusive você e eu, alunos da escola bíblica) não é o conhecimento ou desconhecimento do mandamento bíblico, que claramente diz “não adulterarás”, mas o seu cumprimento em nossa vida.

Desse modo, nosso esforço nesta lição será para destacar o texto bíblico como ele é colocado na Bíblia, examinar (pelo menos, mencionar) algumas das implicações e os diversos ângulos que ele desperta. Vamos também refletir sobre alguns meios pelos quais podemos ser ajudados para que não sejamos achados em desobediência ao mandamento bíblico, seja na dimensão do Antigo ou do Novo Testamento.

I. Que significa “não adulterarás”?

Vamos tomar emprestado o conceito de adultério apresentado por Hans Reifler: “Por adultério compreendemos quebrar, alterar, falsificar propositada e conscientemente o estado sadio do amor entre pessoas que assumiram publicamente o matrimônio” (A Ética dos Dez Mandamentos, p.163).

A visão madura desse mandamento evidencia que todo o pecado na área sexual afronta o Senhor. Certamente que a Bíblia não condena apenas o adultério, mas toda sorte de desvio quanto ao propósito eterno de Deus para que a vida sexual

aconteça no contexto do casamento, quando há um relacionamento único e permanente entre um homem e uma mulher que se unem por amor (1Tm 4.3).

O fato é que o Antigo Testamento pouco fala acerca de prostituição, a não ser condenando a permissão para que as filhas se entreguem a essa prática (Lv 19.29). O mandamento contra o adultério aparece junto com o mandamento contra o furto e a cobiça. Isso deixa claro que a grande preocupação nesse texto é a proteção do “bem” do próximo, a condenação ao ato de cobiçar e ter a mulher do outro.

aplicação

Para pensar: que ligação há entre adultério, furto, ou qualquer situação em que se

II. A dimensão mais ampla do mandamento

O adultério pode ser corporal, quando acontece o envolvimento físico entre as partes. Mas o adultério pode também ser mental. Nesse caso, embora não tenha havido o contato físico, ocorre o desejo ou envolvimento emocional com a pessoa.

O Antigo Testamento vê o adultério como algo hediondo (Jó 31.11) e como uma loucura (Jr 29.23). O castigo para o adúltero na lei de Moisés era a morte por apedrejamento. Tratava-se de algo tão sério que o próprio Deus era o vingador (Jr 5.8-9). Apesar disso, o pecado de adultério é tão perigoso que mesmo um homem como Davi (“homem segundo o coração de Deus”) complicou sua vida exatamente na prática do adultério.

No Novo Testamento, recebemos orientação mais precisa de que o adultério tem sua raiz no interior da pessoa, numa mente poluída e num coração cheio de impureza (Mt 12.34).

Tiago é quem nos ajuda dizendo que primeiro acontece a cobiça, e que esta dá à luz ao pecado, que por sua vez gera a morte (Tg 1.15). O adultério implica na condenação da alma do adúltero e a perda do direito de participar do Reino (1Co 6.9).

No ensino do Senhor Jesus, “qualquer que olhar para uma mulher com intenção impura, no coração, já adulterou com ela” (Mt 5.28). Somos orientados pelo Senhor Jesus a que não permitamos que os olhos nos façam pecar, já que “é

melhor perder o olho do que não entrar no Reino”.

aplicação

Como podemos cuidar das “nascentes de nosso coração” para que tenhamos vida

III. Alguma ajuda para que cumpramos o mandamento

Como já foi visto nesta lição, nosso problema real não é falta de conhecimento acerca do mandamento, nem mesmo das implicações dele manifestas no Novo Testamento. Ainda que não exista um segredo, uma garantia que dê imunidade contra o pecado, os pontos seguintes poderão ser bastante úteis, e o próprio grupo na escola bíblica dominical poderá, em oração e estudo bíblico, refletir sobre outros elementos.

1. Evitar tudo o que alimenta a cobiça e a impureza

Filmes pornográficos, músicas que insinuam a licenciosidade, livros e revistas eróticas, situações e ambientes sugestivos para o pecado, conversas ambíguas no relacionamento com o sexo oposto (no trabalho, no lazer e até mesmo na igreja) são algumas das armas mais comuns que o inimigo usa para levar-nos ao pecado.

Devemos entender que essas coisas tão iniciais podem crescer e alimentar um monstro dentro de cada um de nós, e levar-nos ao pecado.

2. Desconfiar de nossa razão e vigiar nossas emoções

Há muita coisa que entendemos com a razão. Sabemos o que deve e o que não deve ser feito, mas não temos força para uma ação adequada e santa. Veja o que Paulo lembra em Romanos 7.14: “porque bem sabemos que a lei é espiritual; eu, todavia, sou carnal, vendido à escravidão”. Somos bastante movidos pelos nossos desejos, somos carnais, e esses desejos facilmente dominam nossa crença, nossa razão, e nos levam às práticas pecaminosas.

3. Alimentar um relacionamento conjugal sadio e repleto de comunicação

A Bíblia apresenta o casamento como o contexto em que deve haver prazer sexual (Pv 5.15-19; Ec 9.9). Ela chega a descrever exemplo de intimidade entre marido e mulher, reservando todo o livro de Cantares a uma exaltação ao amor adequado entre marido e mulher. Paulo ensina que, por causa da impureza, cada um de nós deve ter sua própria esposa e cada uma o seu marido (1Co 7.2) e que nem mesmo o exercício da religiosidade pode dar ocasião para o inimigo nos tentar na área sexual (1Co 7.9). O escritor aos Hebreus diz que o “leito sem mácula” deve ser digno de honra (Hb 13.4).

4. Fugir das situações de perigo - não se brinca com fogo!

O tradicional exemplo de José do Egito (Gn 39.7-12) ainda serve como modelo para todos os crentes. Mesmo que seja difícil, temos de sair das situações que podem nos colocar em risco.

5. Manter uma vida devocional muito bem cuidada

O ponto de partida de todo o problema geralmente está no descuido quanto à nossa vida de oração e leitura da Bíblia. Jamais se poderá exagerar a importância de uma vida devocional, e jamais deixaremos de depender totalmente da graça de Deus. Simplesmente não somos capazes de viver uma vida santa sem a graça e misericórdia do Senhor.

aplicação

“Aquele, pois, que pensa estar em pé veja que não caia” (1Co 10.12).

Conclusão

Ainda que todo o texto da lição deixe claro o perigo iminente a que todos estamos expostos nessa questão do adultério e de nossa carnalidade, precisamos não esquecer o versículo final de Romanos 7, em que Paulo nos ajuda bastante num brado de vitória:“Graças a Deus por Jesus Cristo, nosso Senhor” (Rm 7.25).

14

Respeitando a propriedade alheia

Pr. João Batista Cavalcante

texto básico	Êxodo 20.15; Deuteronômio 5.19
texto devocional	Mateus 6.24-34
versículo-chave	Mateus 6.33

“Buscai, pois, em primeiro lugar, o seu reino e a sua justiça, e todas estas coisas vos serão acrescentadas

Você atentará para o perigo de ações diárias, eventualmente praticadas por cristãos, que ferem drasticamente o mandamento bíblico; e refletirá sobre dimensões amplas que esse mandamento sugere.

leia a Bíblia diariamente	
seg	Êx 22.1-15
ter	Lv 19.35-37
qua	Dt 25.13-16
qui	Gl 6.6-10
sex	Ef 6.5-9
sáb	Ml 3.6-12
dom	2Rs 4.1-7

Entre os diversos fatores que chamam a nossa atenção para o tema da propriedade, dois deles parecem destacar-se.

Primeiro, está ligado ao fato de estarmos vivendo tempos de incrível relativismo ético, mesmo entre os crentes – as pessoas dão pouca importância à ideia de obediência aos preceitos bíblicos e têm facilidade em praticar atos pecaminosos.

Segundo, está ligado à extraordinária discussão sobre a propriedade, a concentração de riquezas, a disseminação da miséria e a falta de justiça social.

Quando o tema “não furtarás” deveria ser um dos rudimentos do dever cristão, acabou por tornar-se nesses últimos anos motivo de debate e dúvidas. Muitos chegam a não conseguir definir com clareza o que pode ser chamado furto, e outros questionam quando devemos ou não respeitar o direito à propriedade.

Há necessidade de um retorno ao tema com seriedade e temor do Senhor, para que não sejamos simplistas demais e nem acabemos por demonstrar em obras uma atitude incoerente com aquilo que a Bíblia ensina, mesmo professando crer em todo o ensino bíblico.

I. Vamos entender o mandamento

“Não furtar significa não possuir coisa alguma que não tenha sido obtida por meios lícitos e honestos… a subtração oculta do alheio, contra a vontade do seu

legítimo dono” (Reifler, A Ética dos Dez Mandamentos, p.181). A marca que diferencia o furto de outras formas de roubo é seu carater furtivo, de ser algo feito escondido, sem que a pessoa prejudicada esteja consciente do que está acontecendo no momento do ato faltoso.

Três das principais passagens que falam acerca do furto na lei mosaica são: Êxodo 22.1-15, Levítico 19.35-37 e Deuteronômio 25.13-16. Além do castigo destinado à pessoa que furtasse, a lei também previa a restituição do bem furtado ou do valor correspondente, sendo que em alguns casos havia previsão de restituição em dobro (Êx 22.4), ou de quatro vezes mais (Êx 22.1), ou previsão da venda do que se furtou para assegurar ao legítimo proprietário o retorno do seu bem. O caso de Acã (Js 7.15) foi exemplo de como Deus não tolerava o furto no meio do Seu povo. Jeremias qualifica o furto como abominação mesmo (Jr 7.9-10).

O mandamento “não furtarás” é encontrado repetidas vezes no Novo Testamento e sua validade é evidente (Lc 3.13,14; Mt 15.19; Rm 2.21; 13.9; 1Co 5.10; Ef 4.15; e Ap 9.21).Por outro lado, há diversas passagens bíblicas no Novo Testamento onde a avareza é condenada, bem como o apego aos bens deste mundo a ponto de ver o próximo necessitado e não se dispor a ajudá-lo (Lc 12.15; 1Jo 3.17).

II. O mandamento contém advertências positivas

Dificilmente se pode pensar numa ofensa maior a qualquer um dos nossos irmãos do que dizer que ele é um ladrão. Jamais admitimos que tenhamos furtado alguém, mas devemos refletir sobre a questão, para que conscientemente tomemos posições sensatas e sérias perante o Senhor. Há algumas preocupações que devemos entender.

1. Ser honestos no pagamento dos impostos

Como podemos considerar o fato de crentes não recolherem seus impostos devidamente – não é isso uma forma de furto?

2. Agir com honestidade nos relacionamentos comerciais

Paulo sugere que a honestidade nos negócios corresponde ao contrário da prática do furto (Tt 2.10), e que devemos ter uma vida sem dívidas, exceto no amor que devemos uns aos outros (Rm 13.8).

Lamentavelmente temos conhecido muitos crentes, membros de igrejas evangélicas, que estão endividados. Temos de reconhecer que podem existir casos em que a dívida é resultado de algo fora do controle da pessoa (doença, acidente, lamentável engano na condução dos negócios). Exemplo disso está na história da viúva ajudada por Eliseu (2Rs 4.1-7). Do outro lado, jamais podemos esquecer o nosso dever de sermos irrepreensíveis, e de darmos fiel testemunho como crentes em Cristo.

3. Entregar nossos dízimos com fidelidade

A não entrega dos dízimos é chamada na Bíblia de furto contra o Senhor (Ml

3.6-12).

4. Ser corretos com pessoas que trabalham para nós

Os crentes não podem estar entre aqueles envolvidos com a exploração do trabalho alheio. Irmãos que são empresários, os que ocupam posição de chefia, aqueles que têm funcionários que trabalham em suas casas, e assim por diante, devem ser pessoas honestas, cumprir os deveres trabalhistas, ajudar os empregados a viver uma vida digna e tratá-los muito bem, porque o Senhor do funcionário é o mesmo Senhor do patrão (Ef 6.9).

5. Ser firmes contra as possibilidades de corrupção

Esse é um cuidado que precisa ser tomado por muitos de nossos irmãos. O nome do Senhor tem sido blasfemado entre os não crentes (veja Romanos 2.24 e pense em como esse versículo pode aplicar-se aos crentes hoje) devido a crentes que recebem ou dão propina, conseguem favores indevidos em repartições públicas por meio de entrega de dinheiro ou presentes.

6. Usar nossos bens e recursos com sabedoria

Estando ou não envolvidos em política partidária, os crentes têm o dever de exercer seu direito de cidadania a serviço de uma sociedade mais justa e numa luta cristã e ética contra a miséria (Gl 6.9-10; 1Tm 5.8).

Segundo a Bíblia, essa disposição deve começar pelos da família da fé, mas evidentemente deve chegar a todos que estão ao nosso redor, independente de sua origem ou formação. O exemplo do bom samaritano ainda hoje deve ecoar em nossa mente cristã, chamando-nos ao dever solidário e consciente para com aqueles que passam por dificuldades.

III. Ajudas importantes para o cumprimentodo mandamento

Naturalmente, todos entendemos o ato do furto em si como algo inaceitável e contrário a todo o comportamento cristão, mas também interessa-nos aqui mencionar possíveis questões que estão na base, antecedem o ato de furtar, inclusive nas formas de corrupção, sonegação, etc.

1. O desenvolvimento de uma aceitação madura da soberania de Deus é ponto básico para os momentos difíceis pelos quais passamos eventualmente ou vemos outros passarem. Temos de cuidar para que nossa revolta contra o direito de propriedade, contra a concentração de riqueza, ou contra crises que estão além de nosso controle e nos afetam duramente, não sejam motivo para pensarmos que o Senhor perdeu o controle da situação, ou que Ele não Se importa. Êxodo 3.7 lembra que o Senhor vê a aflição do Seu povo. A Bíblia diz que Ele cuida do órfão e da viúva, e que o juiz de toda a terra fará justiça.

2. A confiança na providência de Deus, sabendo que Ele, que é bom Pai, dá boas coisas aos Seus filhos e vai nos dar o que necessitamos, precisa tornar-se ponto básico em nossa crença (Mt 6.33; Jo 14.13,14; Fp 4.19).

3. O trabalho honesto é a maneira bíblica de substituir a atividade pecaminosa do furto (Ef 4.28; Cl 4.1).

4. A assistência ao necessitado precisa fazer parte da agenda de nossas igrejas e dos crentes individualmente (2Ts 3.10). Vejamos ainda 1Tessalonicenses 4.9-11 e 1Timóteo 5.8.

Conclusão

Vamos concluir nossa lição com a preocupação especial com dois problemas éticos bem brasileiros. O primeiro é a ideia de que “o importante é sempre tirar vantagem”. O segundo é o problema do “jeitinho brasileiro”.

Como crentes temos de desejar sabedoria espiritual e não a “esperteza” típica do mundo. Quando preciso, será melhor “perder o mundo inteiro”, mas salvar a alma. Sempre valerá a pena perder, abrir mão de oportunidades aparentes, mas manter nosso compromisso com o Senhor.

O texto de Mateus 4, que fala sobre a tentação de Cristo, serve para o final desta lição quando nos ensina que o inimigo muitas vezes nos mostra “os reinos do mundo”, mas o preço que ele cobra é que o adoremos, prostrados diante de seu poder. Que o Senhor nos livre de possuir qualquer coisa que seja adquirida mediante prática de pecado!

15

A palavra fora do lugar

Pr. José Humberto de Oliveira

texto básico	Êxodo 20.16; 23.1; Levítico 19.11,16; Deuteronômio 5.20
texto devocional	Mateus 12.33-37; Tiago 1.19-27
versículo-chave	Êxodo 20.16

“Não dirás falso testemunho contra o teu próximo”

Você entenderá que o nono mandamento, ao proibir o falso testemunho, visa a pura e simples defesa da verdade, bem como proteger o bom nome da pessoa.

leia a Bíblia diariamente	
seg	Pv 6.12-19
ter	Pv 12.1-28
qua	Pv 13.1-25
qui	Pv 14.1-35
sex	Pv 15.1-33
sáb	Pv 16.1-33
dom	Tg 3.1-1

Onono mandamento tem como alvo principal proteger a honra, o que é fundamental para a convivência social de qualquer comunidade ou nação. Ninguém quer ver sua reputação ou o bom nome de sua família sendo atingidos. Aliás, Salomão já nos ensinou que “mais vale o bom nome do que as muitas riquezas; e o ser estimado é melhor do que a prata e o ouro” (Pv 22.1). Devido à sua sensibilidade, a honra precisa de proteção.

I. O falso testemunho

O Código Penal brasileiro considera a calúnia, a difamação e a injúria como crimes. Isso faz sentido pelas consequências que essas atitudes trazem sobre as pessoas. Quantas são condenadas ou absolvidas por um falso testemunho!? Quantas morrem por causa disso!? Quantas têm o nome manchado por uma palavra enganosa ou mentirosa!? Basta você pensar um pouco nas desgraças que o falso testemunho traz, para se certificar da razão de ele ter o seu lugar no decálogo e ser considerado crime pela justiça dos homens.

O problema da mentira é tão antigo quanto a história da humanidade. Em Gênesis 3 a Bíblia registra a primeira mentira. Você sabe como a serpente enganou Eva (cf. 1Tm 2.14)? É fácil descobrir: o tentador disse “não”, exatamente onde Deus disse “sim”. O Senhor Deus disse “certamente morrerás” (Gn 2.17), e a serpente disse à mulher: “é certo que não morrereis” (Gn 3.4). Sendo assim, inverter o que Deus diz é mentira.

Para Calvino, a essência do falso testemunho consiste em que “Deus, que é a verdade, abomina a mentira, e entre nós deve a verdade ser cultivada sem dissimulação. Portanto, não prejudiquemos o nome de alguém ou com calúnias e incriminações falsas, ou, pela mentira, o agravemos em seu patrimônio; enfim,

não façamos mal a quem quer que seja pelo desenfreamento da maledicência e da mordacidade. A essa proibição está ligada a injunção a que emprestemos a cada um, até onde viável, fiel assistência em afirmar-se a verdade, para que se proteja a integridade tanto de seu nome, quanto de suas coisas" (As Institutas, vol. II, p.174).

A literatura poética é rica em comentários sobre inverdades e infidelidades maliciosas e prejudiciais contra o próximo. Asafe caracteriza o mentiroso como um indivíduo que solta a língua para o mal, trama enganos, senta-se para falar contra seu irmão e difamá-lo (Sl 50.19-20). No salmo 52.4, o rei Davi diz que o ímpio ama as palavras devoradoras. O salmo 101, que apresenta o modelo de um bom rei, mostra que Davi não desejava proteger o mentiroso. No salmo 109, Davi vai mais longe e impreca em nome da santidade e da justiça de Deus contra os inimigos que usaram lábios maldosos e fraudulentos, e palavras odiosas contra o rei ungido. Salomão adverte que "a falsa testemunha não fica impune, e o que profere mentiras não escapa" (Pv 19.5). Ele descreve o mentiroso como uma pessoa que difama (Pv 10.18). Outra consequência trágica é que o mentiroso destrói o próximo (Pv 11.9). É literalmente possível arruinar o próximo e sua boa reputação com inverdades e palavras maliciosas. Jesus diz que o insulto ao irmão é igual ao assassinato (Mt 5.21-22). O resultado é que "as más conversações corrompem os bons costumes"(1Co 15.33). (A Ética dos Dez Mandamentos, Hans Ulrich Reifler, Edições Vida Nova, p.220-221).

II. O problema da mentira "branca" e da "necessária"

Embora a verdade esteja entre os valores humanos mais elevados, nem sempre se faz opção por ela. Alguns chegam até mesmo a afirmar que para se conseguir determinadas coisas é "necessário" mentir, ou então, "não posso falar toda a verdade". Mas a triste história de Ananias e Safira (At 5.1-11)mostra quanto Deus leva a sério a questão da mentira na dispensação da Igreja. As inverdades

proferidas por eles eram falsidades contra o Senhor e Seu Santo Espírito (At 5.3,9).

Entretanto, é necessário fazermos diferença entre mentir e omitir. Um exemplo clássico está em 1Samuel 16.1-13. O Senhor disse a Samuel que acabasse com as lamentações pelo afastamento de Saul do trono israelita, e se dirigisse a Belém para ungir o seu sucessor. Mas Saul era vingativo e tornava perigosa a missão do profeta. Era por isso conveniente dizer que ia sacrificar ao Senhor, e não acrescentar que iria também ungir o novo rei de Israel. “Justifica-se plenamente essa atitude, pois nada impede a que se oculte uma primeira intenção, anunciando apenas a segunda” (Novo Comentário da Bíblia, Vol. I, p.311).

O que dizermos de João 16.12? “Tenho ainda muito que vos dizer, mas vós não o podeis suportar agora”. Aqui Jesus está afirmando que tem algo a ser dito, mas que será anunciado posteriormente, na pessoa do Espírito Santo. No caso, a verdade não é omitida, mas adiada.

Agora vamos refletir neste pensamento de Dietrich Bonhoeffer: “a verdade não pode ser dita em qualquer lugar, a qualquer hora e para qualquer pessoa de igual maneira. Ao dizer a plena verdade, o médico pode provocar a morte imediata de um paciente sensível”. Dentro disso, vamos perguntar: Podemos e devemos informar tudo a um paciente terminal, ou devemos informar somente o necessário?

Outra questão é o famoso “jeitinho brasileiro”. Infelizmente, a corrupção em nosso país é institucionalizada. De pequenas prefeituras ao alto escalão do governo federal há muita sujeira e irregularidade. Todo mundo sabe disso! Os filhos de Deus estão em Cristo, mas também estão no Brasil. Que fazer? Não temos uma receita pronta, mas queremos lembrar o significado básico da palavra cúmplice (pessoa que colabora em, ou participa com outrem de algum fato) e o

perigo das meias-verdades. Sabemos que o “jeitinho” é um problema cultural, o que não significa que seja correto, mas um constante desafio para nós e nossos filhos.

III. O problema da maledicência

O apóstolo Paulo vê a mentira como traço autêntico do velho homem. O novo homem não deve mentir, uma vez que se despiu para sempre do velho homem (Ef 4.25; Cl 3.9). João vai ainda mais longe e afirma que todo aquele que disser: “Amo a Deus, e odiar a seu irmão, é mentiroso” (1Jo 4.20).

É difícil saber o que é mais abominável: falar mal dos outros ou dizer dos outros o que eles de fato não fizeram ou não disseram. Ficamos impressionados com a facilidade que as pessoas têm de passar adiante o que não têm certeza! Eis aí algo que deveria nos deixar sempre indignados. Tiago deixa muito claro os males que uma língua indomada pode causar (Tg 3.1-18).

A conhecida regra continua valendo hoje. Antes de falar qualquer coisa sobre uma pessoa, levante três perguntas básicas: (1) É verdade? (2) É necessário? (3) É edificante?

Tente responder honestamente a essas três questões de “ouro” antes de passar algo adiante. Segure sua língua um pouquinho mais!

Muitas vezes as pessoas dizem: “Não sei se é verdade, vou vender pelo preço que comprei”. Então, se você não sabe se é verdade, pelo amor que você tem a

Deus, não passe adiante; pois sua língua tem o poder de pôr em chamas toda a carreira da existência humana (Tg 3.6). Precisamos cantar para nós mesmos o cântico das crianças:

“Cuidado boquinha com o que fala, o Salvador do céu está olhando pra você…”

Outro cuidado que se deve ter é com o que se lê. Lembre-se: a mídia (TV, rádio, jornais, revistas, internet, etc.) informa fatos, interpreta fatos e inventa fatos. Não é porque a revista tal ou certo telejornal disse tal notícia, que ela pode ser tomada como verídica. Constantemente lê-se nos jornais e nas revistas cartas de leitores negando certas afirmações que foram feitas acerca deles ou de outros.

Conclusão

Vamos encerrar com uma sábia frase de Stanley Jones, que certamente vai fazê-lo pensar muito: “Tome cuidado com as meias-verdades. Você pode ter se apropriado, exatamente, da metade falsa”.

Pense e converse sobre estas duas frases

•“Tudo o que se diz deve ser verdade, mas nem tudo o que é verdade deve ser dito”.

•“O bom de quem fala a verdade é que não precisa falar duas vezes”. Leia

também Eclesiastes 10.20.

16

Ambições erradas

Pr. José Humberto de Oliveira

texto básico	Êxodo 20.17; Deuteronômio 5.21
texto devocional	Mateus 6.19-34
versículo-chave	Êxodo 20.17

“Não cobiçarás a casa do teu próximo. Não cobiçarás a mulher do teu próximo, nem o seu servo, nem a sua serva, nem o seu boi, nem o seu jumento, nem coisa alguma que pertença ao teu próximo”

Você entenderá como o décimo mandamento visa à interiorização da lei de Deus no coração, e ensina-nos a viver uma vida de contentamento.

leia a Bíblia diariamente	
seg	Pv 17.1-28
ter	Pv 18.1-24
qua	Pv 19.1-29
qui	Pv 20.1-30
sex	Pv 21.1-31
sáb	Pv 22.1-29
dom	Pv 23.1-24.7

Um repórter perguntou ao milionário quanto de dinheiro é necessário para ser feliz. Ele respondeu: “Apenas um pouco mais”.

•Quem nunca invejou a prosperidade de outra pessoa?

•Quem nunca ficou irado quando o colega de trabalho foi promovido ou recebeu aumento, enquanto você era o mais antigo na empresa?

•Quem nunca sentiu uma pontada de inveja por causa do amigo de infância que alcançou sucesso?

•Quem nunca desejou a casa semelhante à que o outro comprou?

•Quem nunca desejou secretamente o carro que o vizinho comprou?

•Quem nunca desejou aquela roupa da moda quando não precisava dela e nem tinha dinheiro para comprá-la?

Tendo como texto base o capítulo 10, do livro A ética dos Dez Mandamentos, de Hans Ulrich Reifler, vamos procurar entender melhor o décimo mandamento.

I. Cobiçar à luz do Antigo Testamento

Cobiçar vem do termo hebraico hãmad que quer dizer “desejar”, que em si mesmo é neutro. É apenas quando mal orientado para aquilo que pertence a outrem que tal “desejo” se torna errado. No décimo mandamento, a palavra tem o sentido de possuir no coração uma intenção oculta que mais tarde se manifesta em ações concretas de furto e roubo. O verbo hãmad também se refere aos desejos íntimos que se revelam como intrigas para se apoderar dos bens do próximo. A “casa” do próximo é a família dele.

Gênesis 3.6 descreve as características principais da cobiça. A árvore do conhecimento do bem e do mal (a árvore proibida) tornou-se boa para comer, agradável aos olhos e desejável para o entendimento. A cobiça estimula o paladar, influencia a vista e afeta a mente humana. Eva, ao receber esses três estímulos, cedeu à tentação e comeu do fruto proibido, dando-o também ao marido. O primeiro pecado do homem foi também resultado da cobiça de Eva. Aliás, antes mesmo da queda do homem, a cobiça já tinha acontecido nas regiões celestiais (cf. Is 14.12-14).

Números 11.4 descreve a cobiça dos israelitas como um grande desejo: “E o populacho que estava no meio deles veio a ter grande desejo das comidas dos egípcios; pelo que os filhos de Israel tornaram a chorar e também disseram: Quem nos dará carne a comer?”. É incrível como a cobiça pode ser tão forte, a ponto de levar as pessoas ao choro!

A queda moral do rei Davi, relatada em 2Samuel 11, mostra como o décimo mandamento se relaciona com o sétimo e o sexto mandamentos. A cobiça por Bate-Seba levou o rei Davi ao adultério e ao homicídio premeditado.

O livro de Provérbios relata que o espírito de ganância tira a vida, isto é, cria um

vácuo no ser humano (Pv 1.19). Em Provérbios 6.25 Salomão diz que não se deve cobiçar a mulher adúltera e sua aparente formosura. Ele adverte o judeu piedoso a não cobiçar os finos manjares do governador ou rei (Pv 23.3,6) e a não invejar dos homens malignos as suas vantagens materiais (Pv 24.1).

II. Cobiçar à luz do Novo Testamento

Existem três palavras gregas que traduzem a ideia de cobiça.

1. Desejo descontrolado (pleonexia)

Significa o desejo descontrolado de possuir o mundo e seus bens materiais, poder, influência e prestígio. Agostinho definiu a cobiça com a frase: “desejar mais do que é suficiente”.

2. Amor desordenado (filargyria)

Significa amor desordenado pelo mundo. Esse termo expressa que o mundo é o objeto da cobiça, o ídolo do qual o homem cobiçoso não se pode separar.

3. Desejo de coisas extremas (epithymia)

Pode ser traduzida por cobiça, intenção impura, ambição, desejo intenso, desejo ardente, aspiração, concupiscência.

No Novo Testamento, a palavra predominante para cobiça é pleonexia, o desejo incontrolável de possuir o mundo, poder, influência, bens materiais. O grupo de palavras que pertencem a essa etimologia aparece 19 vezes, 15 das quais na literatura paulina. O apóstolo segue a tradição de Jesus (Mc 7.22) e encara a cobiça como um vício.

Além de vício (1Co 5.10-11; 6.10; Ef 5.5), a cobiça ou avareza é encarada também como característica dos gentios (Ef 4.19), idolatria (Cl 3.5) e prática herética (1Ts 2.5). O mesmo ensino é confirmado por Pedro em 2Pedro 2.3,14.

Jesus adverte repetidas vezes contra a cobiça, haja vista o homem não viver só de seus bens materiais (Mt 5.28; 16.26; Mc 7.22; Lc 12.15).

Para Tiago, a cobiça nasce no coração do homem e gera o pecado que, por fim, acaba levando à morte (Tg 1.14-15). A cobiça nem sempre leva aos resultados desejados: “Cobiçais e nada tendes” (Tg 4.2).

III. O décimo mandamento é um exame da vida interior

Alguns consideram que esse é o único dos dez mandamentos a proibir não o

simples ato externo, mas, também, uma atitude mental, uma atitude interior. Não cobiçarás é penetrante. Ele trata dos motivos e das raízes. Trata diretamente com as coisas do coração. Indaga as emoções íntimas do homem e se dirige aos desejos que se guardam no mais recôndito do coração. Ele vai à vida mais profunda e interna do homem. Ele nos esquadrinha, nos sonda e nos examina, nos investiga, nos pesquisa.

Por que o décimo mandamento examina a vida íntima?

1. Criar um sentido mais profundo do nosso pecado

É verdade que cada um de nós tem certa medida, certo conceito de pecado. Mas nosso conhecimento acerca dos nossos pecados pode ser exagerado, enganoso. Pode não estar de acordo com a realidade. Devemos aprender a conhecer melhor a nós mesmos e examinarmo-nos à luz da lei de Deus.

2. Despertar mais amor a Cristo

Quando perguntado acerca do principal mandamento, Jesus respondeu: “Amarás, pois, o Senhor, teu Deus, de todo o teu coração, de toda a tua alma, de todo o teu entendimento e de toda a tua força” (Mc 12.30). Aqueles que são verdadeiramente convertidos procuram cumprir esse mandamento.

3. Conduzir-nos a uma entrega maior

Devemos sentir profundamente nossa dependência da graça de Deus em toda nossa vida e conduta. Jesus disse: “Ninguém pode servir a dois senhores”.

IV. Cobiça versus ambições “santas”

Nem todos os desejos do coração são proibidos pelo décimo mandamento. Deus cria desejos dentro do nosso coração a fim de que busquemos algo que Ele mesmo quer nos dar; os desejos são inerentes ao homem, pertencem ao homem. Muitos negócios na vida social estão baseados nos desejos. Os bons desejos são aprovados por Deus, desejos que não entram em choque com a palavra de Deus.

O desejo de crescer e prosperar representa, muitas vezes, bênçãos de Deus. Há exemplos na Bíblia que confirmam isso (Abraão, Gn 13.2; Isaque, Gn 26.12-13; José, Gn 41.41-44; Jó 1.3; 42.10-12). Paulo queria crescer mais e mais, abrir mais e mais igrejas, ganhar mais e mais almas para Jesus.

John Stott escreveu: “A ambição pode igualmente referir-se a fortes desejos, altruístas em lugar de egoístas, piedosos ao invés de mundanos. Resumindo, é possível ter ‘ambições para Deus’. A ambição refere-se aos alvos de nossa vida e ao incentivo que temos de atingi-los. A ambição de uma pessoa é aquilo que a impele: revela a mola principal de suas ações, suas mais secretas motivações” (A Mensagem do Sermão do Monte, Editora ABU, p.167).

V. Como evitar a cobiça

1. Inclinar o coração ao testemunho de Deus

É uma maneira concreta de evitar a cobiça (Sl 119.36). A questão da cobiça é uma questão de inclinação do coração humano.

2. Ter prazer na palavra de Deus

“Bem-aventurado o homem que… o seu prazer está na lei do Senhor” (Sl 1.1-2).

Essa ideia é repetida várias vezes (Sl 119.16,24,35,47,70,77). Tais versículos comprovam que, em si, o prazer e o desejo não são errados. Tudo depende do objeto do prazer.

3. Permitir que o Senhor nos cobice

É estranho pensar que o Senhor nos cobiça. Ele é o nosso rei, e um rei tem seus súditos. O que seria de um rei sem reinado, sem súditos? O salmo 45 fala de como o rei ungido se interessa por sua noiva, dedica-se a ela e zela por ela: “o rei cobiçará a tua formosura; pois ele é o teu Senhor; inclina-te perante ele” (Sl 45.11). O sujeito da cobiça é o Senhor; Seu objeto, a formosura da noiva; a razão é o senhorio do Rei; e o resultado, a inclinação da noiva diante do rei.

4. Buscar em primeiro lugar o reino de Deus

(Mt 6.33)

A perspectiva humana nos leva a cobiçar as coisas mundanas; a perspectiva divina nos faz cobiçar as coisas do reino de Deus (Cl 3.1-4).

5. Contentar-se

(Hb 13.5)

Estar satisfeito com aquilo que Deus providencia foi um princípio de vida do apóstolo Paulo: “De ninguém cobicei prata, nem ouro, nem vestes; vós mesmos sabeis que estas mãos serviram para o que me era necessário a mim e aos que estavam comigo. Tenho-vos mostrado em tudo que, trabalhando assim, é mister socorrer os necessitados e recordar as palavras do próprio Senhor Jesus: Mais bem-aventurado é dar que receber” (At 20.33-35; cf. Fp 4.11-13; 1Tm 6.8). Temos aqui três princípios construtivos do décimo mandamento: (1) o trabalho honesto; (2) o socorro ao necessitado; (3) e a assistência liberal a quem precisa.

6. Assumir conscientemente a condição de peregrino e forasteiro

(Fp 3.20; Hb 13.14; 1Pe 2.11-12)

7. Amar o próximo

O amor derramado por Deus em nosso coração nos dá a possibilidade de viver com o próximo sem cobiçar sua casa, mulher, servo, serva, boi, jumento, nem coisa alguma que pertença a ele. O samaritano mostrou interesse pelo próximo: compadeceu-se do maltratado, tratou-lhe os ferimentos, colocou-o sobre seu próprio animal, levou-o para uma hospedaria, tratou dele, pagou a diária e assumiu a responsabilidade total pelas futuras despesas e outros prejuízos (Lc 10.33-36).

8. Exercer atos de misericórdia

Em Mateus 25.35-36, o Senhor Jesus se refere a seis obras de misericórdia (dar de comer, dar de beber, hospedar, vestir, visitar enfermos e visitar presos). Isso é uma maravilha para que esqueçamos as próprias cobiças.

Conclusão

Vamos concluir com uma pergunta: por que as pessoas cobiçam o que é dos outros? Alan Cole escreveu: “Em última análise, desejar e tentar obter a propriedade alheia é estar insatisfeito com o que se recebeu de Deus, e assim demonstrar falta de fé em Seu amor. Além do mais, a inveja estimulada por tal atitude levará mais cedo ou mais tarde a que se prejudique de alguma maneira o próximo, o que não se coaduna com o dever essencial do amor” (Êxodo, introdução e comentário, p.155).

17

A ética da comunhão

Pr. José Humberto de Oliveira

texto básico	Filipenses 2.1-11
texto devocional	João 17.1-26
versículo-chave	Filipenses 2.3

“Nada façais por partidarismo ou vanglória, mas por humildade, considerando cada um os outros superiores a si mesmo”

Você mudará seu conceito de “comunhão”, desenvolvendo e aperfeiçoando a prática da mutualidade.

leia a Bíblia diariamente	
seg	Jo 13.1-20
ter	Rm 12.9-21
qua	Rm 14.1-23
qui	1Co 6.1-11
sex	1Co 12.12-31
sáb	Tg 2.1-26
dom	1Jo 4.7-21

Quando estudamos um pouco de escatologia (doutrina cristã que trata das últimas coisas), aprendemos que tudo o que vemos ao nosso redor vai, um dia, desaparecer – menos uma coisa: a Igreja do Senhor Jesus! No final de todas as coisas, restará apenas um povo: o povo de Deus. O Rei Jesus e Seus súditos, o Pai celestial e Seus filhos, o Senhor e Seus servos. Não simplesmente um "povo", mas um povo em comunhão – uns com os outros e com seu Redentor.

Todavia, mesmo vivendo em um "corpo corruptível", ainda somos convidados pelo nosso Senhor a viver em comunhão uns com os outros (Jo 13.34-35). Ora, o que é comunhão?

I. A verdadeira comunhão

Algumas pessoas acham que a comunhão consiste no bate-papo na porta do templo após o culto ou na cantina da igreja, acompanhado de um refresco, cafezinho e bolachas, ou que a comunhão é um churrasco ou piquenique com famílias da igreja. Outros pensam que consiste em nos reunirmos em grupos familiares para cantar, estudar a Bíblia, compartilhar os acontecimentos dos últimos dias e orar. Outros veem na ceia do Senhor a expressão maior da comunhão. Com base num texto de Sue Harville, vamos compreender melhor a comunhão.

1. Definição

"Comunhão" é a tradução portuguesa mais comum da palavra grega "koinonia".

De acordo com o Novo Testamento, a comunhão tem a ver com aquela relação pessoal que os cristãos gozam com Deus e uns com os outros, em virtude da união com Jesus Cristo. Essa relação é estabelecida pelo Espírito Santo, que habita dentro de todo cristão, unindo-o a Cristo e a todos os outros cristãos. A relação se expressa por meio do compartilhar de bens materiais, da cooperação na obra do evangelho, da manutenção da unidade e do amor, quando os cristãos se reúnem. O exemplo clássico é encontrado em Atos 2.41-47. Você deve analisar esse exemplo e notar as várias características da comunhão. Anote as frases que combinam com essas características.

a. Quais as expressões indicativas de uma relação íntima entre os cristãos e o Senhor?

b. Quais as expressões indicativas de que os cristãos compartilhavam bens materiais entre si?

c. Quais os indícios de que estava havendo cooperação na obra do evangelho?

d. Que provas você encontra de que aqueles irmãos, ao se reunirem, mantinham unidade e amor?

2. Características da comunhão

A comunhão tem certas características, algumas já observadas em Atos 2. Outras aparecem em diversos trechos do NT. Podemos afirmar que a igreja que apresenta essas marcas está experimentando a comunhão, no sentido bíblico da

Palavra. Se faltarem tais características, a igreja está passando por uma “crise de comunhão”. Veja agora as marcas da comunhão.

a. Os cristãos dedicam tempo a estarem juntos para estudar a palavra de Deus, compartilhar experiências, tomar a ceia do Senhor (At 2.42).

b. Os cristãos têm prazer em compartilhar os seus bens materiais com irmãos necessitados (At 2.45; 2Co 8.3).

c. Os cristãos são unidos pelo Espírito Santo (2Co 13.13).

d. Os cristãos cooperam na obra do Evangelho (Fp 1.5; Hb 13.16).

e. Os cristãos compartilham as alegrias e os aspectos cotidianos da vida, como verdadeiros amigos (At 2.46).

f. Os cristãos sentem alegria e expressam louvor (At 2.46-47).

g. Os cristãos confessam os pecados e recebem a purificação do sangue de Jesus Cristo, para manter a unidade e o amor (1Jo 1.3,6,7).

II. O fundamento da comunhão

Olhando para Filipenses 2.1-11, podemos afirmar que a comunhão com Cristo é a fonte da comunhão entre os irmãos. A riqueza e o exemplo da vida de Cristo nos dão o caminho para a comunhão verdadeira e duradoura.

No primeiro momento, afirmamos que a nossa própria ligação com o Senhor cria uma atmosfera, um ambiente de amor e interesse pelos outros. Porque, vivendo em comunhão com Cristo, não seremos motivados pela ambição pessoal nem pela altivez de coração (Fp 2.3-4), que costumam destruir qualquer comunhão. Nossa comunhão com o Senhor tirará de nós a tendência carnal de buscarmos sempre os nossos próprios interesses; e nos ajudará a tratar o próximo com mais respeito e o devido valor. Considerar “cada um os outros superiores a si mesmo” (Fp 2.3) só é possível mediante a graça e a ação direta do Espírito do Senhor em nosso coração.

Ao nos convidar “tende em vós o mesmo sentimento que houve também em Cristo Jesus” (Fp 2.5), o apóstolo nos mostra que o exemplo de Cristo é a segunda parte do fundamento da verdadeira comunhão. O que Ele fez?

1. Ele não julgou que o fato de ser Deus fosse algo de que não pudesse abrir mão

(Fp 2.6)

Uma Bíblia editada em Portugal tem a seguinte versão para esse versículo: “Ele, que por natureza era Deus, não quis agarrar-se a esse direito de ser igual a Deus”. Isso nos ensina que a supervalorização da nossa “posição” na sociedade e até mesmo na Igreja pode ser fator prejudicial à nossa comunhão com os outros

(cf. Tg 2.1-13).

2. Ele , “antes, a si mesmo se esvaziou, assumindo a forma de servo… a si mesmo se humilhou”

(Fp 2.7-8)

Faz-se necessária uma pergunta muito importante: Ele se esvaziou do quê? A resposta é composta de pelo menos três fatos.

a. Ele renunciou às Suas riquezas. Ele estava sempre pedindo algo emprestado: um lugar onde pudesse nascer, uma casa onde pudesse pernoitar, um barco de onde pudesse pregar, um animal em que pudesse cavalgar, uma sala onde pudesse instituir a ceia e, finalmente, um túmulo onde pudesse ser sepultado. (2Co 8.9).

b. Ele renunciou à Sua glória celestial . “ Glorifica-me, ó Pai, contigo mesmo, com a glória que eu tive junto de ti, antes que houvesse mundo ” (Jo 17.5).“ Era desprezado e o mais rejeitado entre os homens; homem de dores e que sabe o que é padecer ” (Is 53.3).

c. Ele renunciou ao livre exercício de Sua autoridade . “ Embora sendo Filho, aprendeu a obediência pelas coisas que sofreu ” (Hb 5.8). Ele mesmo disse: “ não procuro a minha própria vontade, e sim a daquele que me enviou ” (Jo 5.30; cf. 5.19; 14.24).

Podemos concluir que Cristo renunciou ao Seu ambiente de glória, mas Ele não

Se esvaziou de Sua divindade.

III. A comunhão e as mutualidades

Como, quando e onde podemos ver a prática da comunhão? Na prática das mutualidades. Mas o que são mutualidades? Novamente, Sue Harville nos ajudará: “Mutualidade se refere a um estilo de vida baseado sobre os mandamentos do NT, a respeito das coisas que os cristãos fazem, uns aos outros e uns em favor dos outros, para externar o seu mútuo amor e unidade; e também a respeito das coisas que eles evitam fazer uns para os outros, a fim de preservarem esse amor e unidade”.

Empregamos o termo mutualidade para referirmo-nos às expressões recíprocas, descrevendo situações em que uma pessoa faz por uma outra, aquilo que, por sua vez, a outra faz pela primeira.

O Novo Testamento fala de maneira bem clara sobre o que significa a mutualidade entre os cristãos. Ali se encontra uma série de mandamentos, tanto diretos como indiretos, que especificam como devem ser as relações entre cristãos; o que eles devem fazer uns aos outros e o que não devem fazer uns aos outros. Esses se chamam mandamentos recíprocos. O estilo de vida que chamamos de mutualidade baseia-se, portanto, na obediência aos mandamentos recíprocos do Novo Testamento.

A seguir, você encontrará uma relação de versículos que contêm alguns imperativos de mutualidade.

•“ Amai-vos cordialmente uns aos outros com amor fraternal ” (Rm 12.10).

•“… preferindo-vos em honra uns aos outros ” (Rm 12.10).

•“ Tende o mesmo sentimento uns para com os outros ” (Rm 12.16).

•“ Não nos julguemos mais uns aos outros ” (Rm 14.13).

•“ Acolhei-vos uns aos outros ” (Rm 15.7).

•“ Levai as cargas uns dos outros ” (Gl 6.2).

•“… perdoando-vos uns aos outros ” (Ef 4.32).

•“… sujeitando-vos uns aos outros no temor de Cristo ” (Ef 5.21).

•“ Suportai-vos uns aos outros, perdoai-vos mutuamente ” (Cl 3.13).

•“… instruí-vos e aconselhai-vos mutuamente ” (Cl 3.16).

•“… deveis amar-vos uns aos outros ” (1Ts 4.9).

•“ Consolai-vos, pois, uns aos outros ”(1Ts 4.18).

•“ Vivei em paz uns com os outros ” (1Ts 5.13).

•“… exortai-vos mutuamente cada dia ”(Hb 3.13).

•“ Consideremo-nos também uns aos outros, para nos estimularmos ao amor e às boas obras ” (Hb 10.24).

•“ Confessai, pois, os vossos pecados uns aos outros ” (Tg 5.16).

•“ Servi uns aos outros, cada um conforme o dom que recebeu ” (1Pe 4.10).

•“… no trato de uns para com os outros, cingi-vos todos de humildade ” (1Pe 5.5).

•“… mantemos comunhão uns com os outros ” (1Jo 1.7).

Como você pode ver, a relação entre comunhão e mutualidade é de simples causa e efeito. Onde existe a comunhão, ela se exterioriza pela mutualidade.

Uma igreja, congregação, comunidade ou grupo de discipulado que não está manifestando a comunhão por meio da mutualidade precisa examinar a si mesma, para verificar se está ou não em comunhão com o Senhor Jesus.

A mutualidade constitui uma parte tão importante da vida da Igreja que ela não deve ser deixada ao acaso. Mesmo sem saber muito sobre o assunto, ou sua importância, alguns membros podem estar praticando a mutualidade. Mas essa vida recíproca, para ser verdadeiramente bíblica, precisa ser praticada por todos os cristãos. Além disso, ela precisa ser, de modo consciente, desenvolvida e aperfeiçoada. Para que se obedeça aos mandamentos de Deus (no caso, os recíprocos), é preciso conhecer esses mandamentos e o que eles significam para a vida.

Conclusão

1. Esta lição mudou de alguma forma o seu conceito de comunhão?

2. A vida de Jesus me ensina que não posso ter plena comunhão com meu irmão se não estou disposto a renunciar a mim mesmo. Você concorda com essa afirmação?

3. Será que tenho colocado em prática pelo menos três mutualidades da lista apresentada nesta lição?

O COMPORTAMENTO DO CRENTE

··· princípios bíblicos de ética cristã ···

Esta revista contém uma série de lições que, por certo, mexerão com a nossa vida cristã. Costumamos dizer que a Bíblia é a única regra de fé e prática para o cristão, mas geralmente ficamos apenas na única regra de fé. A "única regra de prática" fica no esquecimento. Um fariseu perguntou: *"Mestre, qual é o grande mandamento na Lei? Respondeu-lhe Jesus: Amarás o Senhor, teu Deus, de todo o teu coração, de toda a tua alma e de todo o teu entendimento. Este é o grande e primeiro mandamento. O segundo, semelhante a este, é: Amarás o teu próximo como a ti mesmo"* (Mt 22.36-39). Amar a Deus é a regra de fé; amar o próximo é a regra de prática da vida cristã.

A ética cristã, baseada nas Escrituras Sagradas, ensina-nos como andar neste mundo de acordo com a "vocação a que fomos chamados". A ética trata de fatos concernentes ao procedimento do homem em todas as suas relações. Daí a pertinência desse assunto nas classes de nossas Escolas Bíblicas.

As lições estão divididas em três unidades:

- Introdução à Ética Cristã
- Vivendo acima da média
- A relevância dos Dez Mandamentos

editora CristãEvangélica
www.editoracristaevangelica.com.br

ISBN 978-85-98649-84-9
9 788598 649849